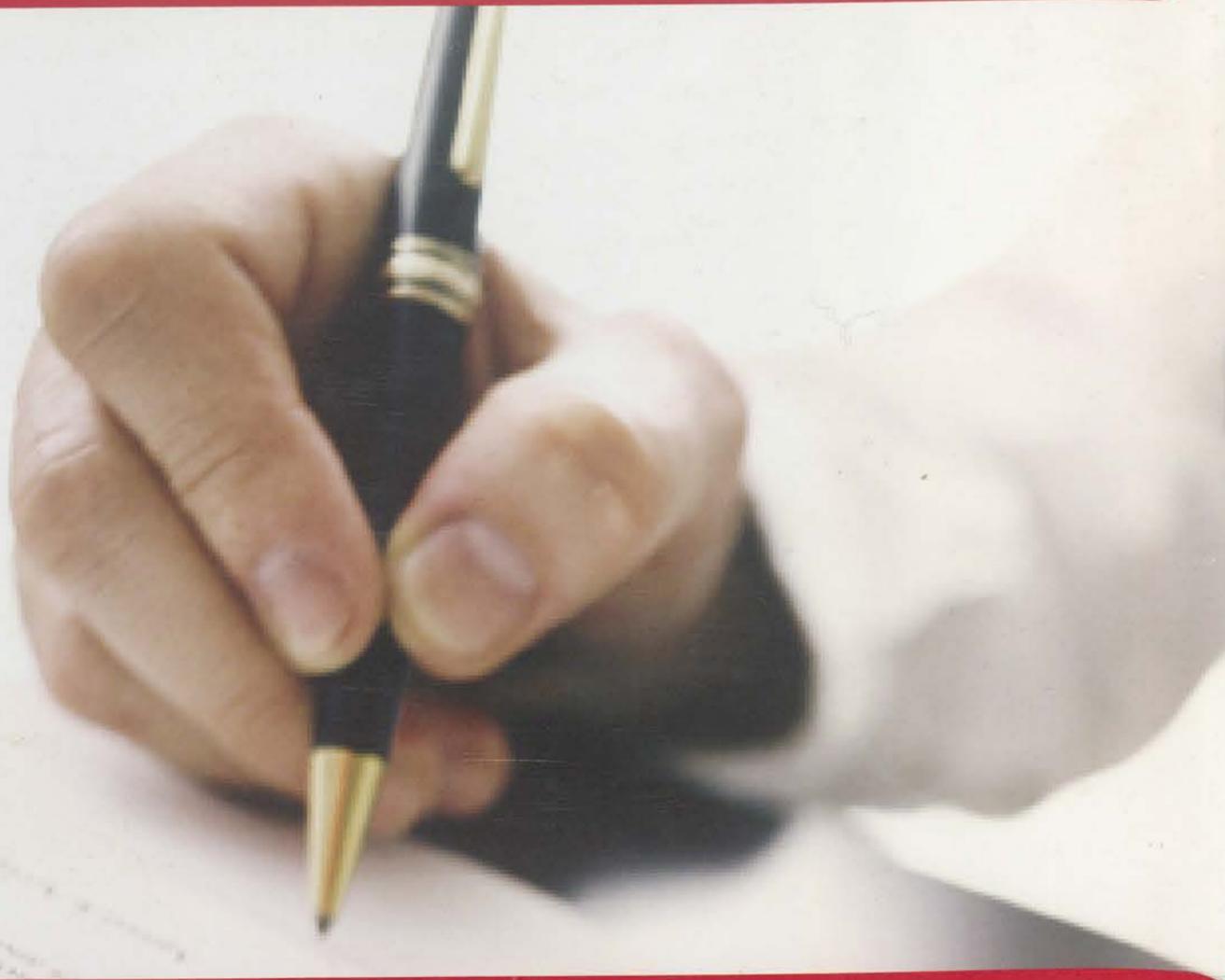


Conheça o Protocolo que o faz ganhar.



Aderir ao nosso Protocolo é aceder a um leque alargado de produtos e serviços em condições muito favoráveis:

Super Conta de Depósitos à Ordem

- Oferta da 1ª caderneta de cheques • Oferta da 1ª anuidade do Cartão de Débito • Isenção das despesas de manutenção da conta • Domiciliação gratuita dos pagamentos periódicos • Acesso imediato a uma linha de crédito com taxa de juro preferencial • Antecipação do ordenado • Excelente remuneração em função do saldo.

Crédito Pessoal

- Taxa de juro preferencial até 5 anos.

Crédito Automóvel

- Excelentes condições de aquisição nas modalidades de Leasing ou ALD, até 5 anos.

Cartões de Crédito

- Linha de crédito gratuita até 50 dias • Seguros associados muito vantajosos • Condições preferenciais na primeira anuidade.

Crédito Habitação

- Taxa de juro preferencial, até 40 anos • Redução especial de comissão de dossier e despesas de avaliação • Conversão dos empréstimos em curso em condições especiais.

Crédito Habitação Transferência

- Oferta do serviço de solicitadora • Isenção de comissão de dossier e de custos de avaliação • Possibilidade de aumentar o montante do crédito.

Crédito Pessoal com Garantia Hipotecária

- Taxa igual à do crédito habitação, até 40 anos.

Para mais informações dirija-se já a um Balcão do Totta, Crédito Predial ou Santander.

REVISTA CAVALARIA

Revista Quadrimestral de Cavalaria | Novembro 2004 | 3ª Série | Ano II | Nº 4

UNIDADES BLINDADAS EM ÁREAS EDIFICADAS



totta

Crédito Predial
Português

Banco
Santander

MILAN 3

UM NOME DO SÉCULO XX
COM A EFICÁCIA DO SÉCULO XXI



**TECNOLOGIA AVANÇADA PARA
UMA MAIOR CAPACIDADE DE DEFESA**

12, rue de la Redoute - 92260 FONTENAY-AUX-ROSES - FRANCE
Tel. 33 (1) 41 87 14 14 - Fax: 33 (1) 46 61 64 67 - e-mail: marketing@euromissile.fr



MONTAGREX - OPTAGREX
Sociedade por quotas, limitada às importações e exportações, Lda.



Sumário

■ Palavras do Director Honorário da Arma _____	4
Tenente General Velasco Martins	
■ Editorial _____	5
MAJCAV Francisco Amado Rodrigues	
■ Correio do Leitor _____	7
■ «Combate em áreas edificadas – Características e terminologia.» _____	8
TENCAV Jorge Marques	
■ «Algumas considerações doutrinárias para o emprego do GCC em operações em áreas edificadas.» _____	12
CAPCAV Machado, CAPCAV Laranjeira e CAPCAV Henriques	
■ «O emprego de helicópteros em áreas urbanas.» _____	18
MAJINF Faleiro	
■ «A estrutura de um Agrupamento para a condução de operações militares em áreas urbanas – Uma proposta.» _____	22
MAJINF Mário Álvares	
■ «Sub-agrupamento ALFA da GNR no Iraque.» _____	30
TENGNRCAV Mauro Ferreira e TENGNRINF Marco Cruz	
■ «Porque será que os outros exércitos precisam de Master Gunners?» _____	34
ISARCAV Victor Branco	
■ Livros / Artigos / Revistas / Sites _____	38
■ Resenha de Actividades das Unidades _____	47
■ Promoções, Nomeações e Óbitos _____	54

■ FICHA TÉCNICA

Propriedade
Associação Revista da Cavalaria

Director
MAJ Francisco Amado Rodrigues

Chefe de redacção
MAJ José Miguel Freire

Redacção
CAP Sérgio Paulo Santos

Revisão
MAJ Francisco Amado Rodrigues
MAJ José Miguel Freire

Execução gráfica
SOARTES - artes gráficas, lda.

Depósito Legal
203499/03

Palavras do Director Honorário da Arma



Velasco Martins
Tenente General

Foi com a natural satisfação, de quem há mais de 4 décadas escolheu voluntariamente a Cavalaria para servir no Exército e teve o especial privilégio de o fazer em todas as Unidades da Arma, que recebi a nomeação do General Comandante do Exército para o cargo de seu Director Honorário.

Constituiu esta nomeação o culminar do desejo, que naturalmente alimentava de continuar ligado à “minha Arma”, ajudando os mais novos a preservar o nosso invejado espírito de corpo, para que consigamos constituir um grupo coeso e que, apoiado no enorme legado que nos deixaram os mais antigos, continue a contribuir para um todo do Exército que corresponda ao que o País espera dele.

Como sempre tem acontecido, a seguir à participação do Exército Português em qualquer dos múltiplos conflitos em que se viu envolvido e sobre os quais construiu parte indelével da nossa história colectiva, o País tem necessidade de redefinir as prioridades Nacionais e de procurar e encontrar as melhores soluções para a Defesa Nacional e para o Exército, no novo contexto. Para o Ramo e particularmente para a nossa Arma, tal tarefa não será fácil e exige o empenho e o entusiasmo

de todos. Fomos preparados para actuar em situações difíceis e por isso não nos pode assustar o desafio com que nos defrontamos de manter e inclusive aumentar a sua eficácia. Vamos ser capazes de o conseguir, porque possuímos um bem inalienável que escapa a qualquer situação conjuntural e se apoia em séculos de tradições – temos uma vontade firme e guiamo-nos por valores morais dos quais somos os fiéis depositários.

É este legado histórico, feito de experiências e sedimentado por feitos e figuras, que constitui um elemento aglutinador da vontade que nos une em torno do objectivo comum de conseguirmos que a Arma de Cavalaria continue a ser motivo de orgulho para todos os que nela serviram e servem.

A esta saudação que dirijo a todos os “Cavaleiros” ao iniciar as novas funções, cumpre-me acrescentar algo para os assinantes ou simples leitores da Revista da Cavalaria. Se na mensagem inicial aos militares da Arma me apoiei essencialmente no que me vai na alma, como usa dizer o nosso povo, para a minha saudação à “nossa Revista” limito-me a recuperar as intenções dos seus fundadores, desejando que a mesma constitua um local privilegiado de debate da táctica, da técnica de emprego e dos materiais e equipamentos das Subunidades da Arma, bem como da melhor forma de instruir e

treinar os nossos militares de qualquer graduação, assim como de recordação ou mesmo discussão da nossa história, procurando encontrar em episódios vividos ou recuperados de narrativas do passado, ensinamentos ou experiências não apenas de cariz técnico-táctico, mas exemplos de comportamento que nunca serão demais enaltecer. Como dizia no desafio que lançava aos seus camaradas o Sr. Major Fernando Maya no lançamento da Revista de Cavalaria em 1904, *já no estado de então da ciência militar era importante para todos, de qualquer arma ou serviço, a leitura e o estudo consciente e reflectido de bons autores, mas para os de Cavalaria tal era mesmo indispensável, dada a variedade de aptidões e conhecimentos que lhes eram exigidos face à multiplicidade de situações em que os tinham que aplicar.*

Reitero esta necessidade então expressa, esperando que todos com humildade e sem inibições participem neste repositório de experiências e de conhecimentos em que se tem de constituir a nossa revista, reanimando a discussão das coisas simples, que por serem simples raramente são suficientemente estudadas e debatidas.

No respeito por S. Jorge, por Mouzinho e pelos muitos anónimos que deram o melhor pela Cavalaria “*carreguemos*” sobre a descrença e a inacção e mostremo-nos merecedores dos que nos antecederam.■

PALAVRAS E ACÇÕES, PARA QUEM?

1. No âmbito da evocação do centenário da Revista da Cavalaria, realizada em 9 de Outubro de 2004, na EPC, e da primeira Assembleia-Geral da Associação da Revista da Cavalaria, realizada em 28 de Outubro de 2004, no RL2, reiteramos as palavras, desta vez sob a forma escrita, de agradecimento e consideração, aos respectivos comandantes, Coronel de Cavalaria José Banazol e Coronel de Cavalaria David e Silva, bem como a todos aqueles que directa ou indirectamente participaram na realização de um programa diversificado de acções. Estas foram destinadas aos sócios e suas famílias, na primeira iniciativa, e somente para os sócios na segunda.

A reduzida adesão de sócios em ambas as iniciativas merece uma pequena reflexão. Vários factores poderão ter concorrido para esse desfecho. Para uns, deveu-se essencialmente à forma inadequada de divulgação (apenas no número 3 da Revista). Para outros, pelo facto das actividades terem decorrido em locais e horas que poderão ter sido inconvenientes. Admitamos até que se tratou da sua conjugação, em vez da sua exclusão. Nos dias de hoje não faltam razões (dinâmica familiar, social, profissional, entre outras) que justifiquem essa ausência. E o contrário vai sendo cada vez mais a excepção. Em consequência desses factos, naturalmente surgiu a dúvida: **palavras e acções, para quem?**

MAJ CAV Francisco Amado Rodrigues
Academia Militar.

Valorizemos quem participou activamente e tenhamos a esperança que os eventuais erros ou omissões cometidos foram uma vez sem exemplo, quer por parte de quem promoveu e se esforçou em concretizar o programa de acções em prol dos sócios, quer por estes não terem correspondido às expectativas desejadas.

É nossa intenção prosseguir o rumo traçado e alcançar os objectivos propostos. Essa orientação e esforço terão de ser analisados, discutidos e partilhados em sede própria, entre os corpos dirigentes e os associados, ambos com direitos e deveres. Não basta aos sócios pagar e manter actualizada a sua quota, é preciso também que participem activamente nas actividades propostas, porque são eles o suporte da existência desta Associação. Também é para eles que os diferentes órgãos sociais se esforçam em expor e divulgar as suas actividades, confirmadas pelos Estatutos, em particular as acções da Assembleia-Geral e da Direcção. Desta espera-se essencialmente, como produto final da sua acção, a edição quadrimestral da Revista da Cavalaria.

Estamos seguros e confiantes que a próxima Assembleia-Geral e eventuais actividades tenham outro nível superior de adesão por parte dos sócios.

2. A produção regular e continuada da 3ª Série da Revista da Cavalaria, no modelo definido pela actual equipa redactorial, encerra o seu primeiro ciclo anual com a publicação deste número quatro. Por ter havido apenas referências positivas à sua estrutura, vamos manter a mesma estratégia de actuação: eleger um tema nuclear por número, convidando

Editorial

potenciais autores para escreverem os seus artigos focalizados no tema pré-definido; manter sempre em aberto os espaços necessários à divulgação de artigos que versem outros temas; relatar ou comentar outros assuntos de interesse geral de cavalaria e sobre diferentes edições, quer de âmbito nacional quer internacional; assegurar a difusão das notícias relevantes de actividades desenvolvidas pelas diferentes unidades de cavalaria ou afins; possibilitar a publicação de cartas dos leitores; e informar sobre a ocorrência de determinados factos relacionados com a família cavaleira.

Relativamente à forma, houve vários reparos negativos quanto ao tamanho reduzido da letra em certos artigos. Para obviar essa situação, doravante tentaremos junto da gráfica que tal não se repita, mesmo que isso signifique um pequeno esforço financeiro acrescido, mas sempre condicionado aos conteúdos a publicar e ao dinheiro disponível.

Pelos indicadores referidos e sabendo da proveniência de alguns deles por certas personagens credíveis, militares e civis, congratulamo-nos com a qualidade do trabalho desenvolvido pelos nossos colaboradores e incitamo-los a continuarem a escrever artigos reveladores do vasto e diversificado património intelectual e literário, saber e experiência militar existentes na Cavalaria, e não só.

3. O tema nuclear deste número quatro é sobre o emprego de unidades blindadas no combate em áreas edificadas, em particular no Iraque.

Ralph Peters in *Our Soldiers, Their Cities* (1996), sublinhava que a tipologia de guerra urbana seria a mais provável e,

simultaneamente, a mais difícil. Ele previa que os futuros combates se realizassem “nas ruas, nas redes de esgotos, nos arranha-céus, nos parques industriais, nos aglomerados habitacionais, nos bairros de lata existentes nas cidades...”.

Também Robert Scales, MGEN do Exército USA, afirmava em *Future Warfare* (1999) que “...um grande centro urbano é algo de multidimensional.” Acrescentava ainda que “os soldados têm de enfrentar ameaças subterrâneas e aéreas. Cada edifício poderá ser uma posição fortificada do Inimigo (In), que terá de ser destruído um a um. Para mais, um In experiente poderá construir com facilidade ligações entre os edifícios, reforçando essas posições. O limitado espaço de manobra condiciona a mobilidade e atenua a capacidade do armamento, reduzindo os respectivos alcances. A proximidade dos edifícios dificulta as comunicações, fragilizando o comando e controlo. Finalmente, os efeitos psicológicos do combate urbano nos soldados são ampliados. As múltiplas ameaças debilitam os soldados, potenciando o processo de desintegração que ensombra todas as UU envolvidas em operações de combate próximo.”

As exigentes operações em áreas urbanas – policiamento, golpes de mão e combate continuado – associadas ao culto de trivialização da violência, esta cada vez mais frequente e publicitada por via dos órgãos de comunicação social e em tempo real, requerem uma cooperação mais forte e integrada entre forças militares e forças de segurança, sob diferentes domínios.

Os artigos dos Majores Faleiro e Álvares e dos Tenentes da GNR Ferreira e Cruz testemunham a necessidade, a pertinência e as mais valias desse conceito (cooperação), onde o todo é superior à soma das partes se for devidamente empregue.

Antes, porém, o leitor encontrará o artigo do Tenente de Cavalaria Marques que apresenta algumas características e terminologia utilizada no combate em áreas edificadas.

Também salientamos as primeiras palavras do TGEN Velasco Martins como Director Honorário da Arma e assinalamos o artigo de tema livre, do ISARCAV Branco, sobre a especialização inconsequente dos “Master Gunners” no nosso Exército. Na “Linha Editorial” mantém-se o quadro referente à data de publicação dos três próximos números, às datas limites de entrega dos conteúdos e aos temas centrais propostos pela Redacção. Destaca-se ainda a convocatória para a 2ª Assembleia Geral da Associação *Revista da Cavalaria*.

Linha editorial

Para os próximos números os temas serão:

Nº	Data da Publicação	Data limite de entrega	Tema
5	Março 2005	31 Janeiro 2005	Reconhecimento & Carros de Combate no século XXI.
6	Julho 2005	31 Maio 2005	A equitação militar.
7	Novembro 2005	30 Setembro 2005	Factos e figuras da história da cavalaria.

Os artigos não deverão ultrapassar as 3500 palavras e, sempre que possível, acompanhados de fotografias, mapas ou outras imagens que o autor entenda convenientes.

Independentemente do tema central, a Revista mantém fixas as seguintes secções:

- Editorial.
- Cartas à Direcção.
- Livros / Artigos / Revistas / Sites.
- Resenha de Actividades de Unidades.

CONVOCATÓRIA

Nos termos do Nº1 do Artigo 12º e Nº 5 do Artigo 13º, dos Estatutos da Associação “Revista da Cavalaria”, o Presidente da Mesa da Assembleia Geral convoca cada um e todos os associados para participarem na 2ª Assembleia Geral, que se realizará em 16 de Fevereiro de 2005, pelas 21H00, no Regimento de Lanceiros 2 – Lisboa, e com a seguinte ordem de trabalhos:

1. Apresentação e aprovação do relatório anual de actividades e de conta de gerência referente a 2004;
2. Apresentação e aprovação do plano anual de actividades para 2005;
3. Informação diversa.

NOTA:

A falta de quórum à primeira convocatória (menos de metade dos sócios presentes até às 21H30), implica uma **segunda convocatória**, que será no mesmo dia e local mas a Assembleia Geral terá início às 21H30. Neste caso, as suas deliberações serão tomadas por maioria de votos dos associados presentes.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
ALEXANDRE MARIA DE CASTRO DE SOUSA PINTO
TENENTE-GENERAL

No “Correio do Leitor” publicamos a solicitação do Sr Luís Costa.

Em “Livros/Artigos/Revistas/Sites” recomenda-se a leitura dos quatro livros e sugere-se alguma atenção no artigo de uma revista internacional sobre viaturas blindadas.

Na “Resenha de Actividades das Unidades”, mantém-se a participação das tradicionais Unidades de Cavalaria, do GALE e do CMEFD.

Finalmente, o espaço destinado a alguma informação interna sobre a *família cavaleira* e relacionada com “Promoções, Nomeações e Óbitos”. ■

Correio do leitor

Exmº Director da Revista da Cavalaria

Com os melhores cumprimentos, venho por este meio solicitar a Vª Exª o favor de publicar o seguinte pedido de auxílio de investigação:

Com o intuito de dar continuidade a uma longa investigação histórica que tem contado com o precioso auxílio de muitos militares, investigação esta que se refere a todos os tipos de viaturas blindadas utilizadas pela Arma de CAVALARIA e sobre os militares que as têm utilizado ao longo dos últimos setenta anos (ver artigo publicado no nº 2 desta Revista), venho por este meio solicitar o precioso auxílio de todos os militares na reforma,

na disponibilidade e no activo, no sentido de se encontrar fotografias em viaturas blindadas em utilização nas unidades da CAVALARIA. Estas fotografias podem ser suas ou de um parente, tais como: avós, pais ou tios que serviram na Arma de CAVALARIA. Procuo especialmente as fotografias pessoais, que foram efectuadas junto a um CARRO DE COMBATE ou a uma AUTOMETRALHADORA (como no exemplo da foto publicada) e que nos permitam a identificação e a reconstituição da história destas viaturas e dos militares que as utilizaram. Estas fotografias podem estar, por exemplo, em álbuns de fotografias dos militares de onde não é necessária a sua

remoção, pois com os meios de reprodução fotográfica que possuo, podem ser reproduzidas directamente. Apenas necessito do acesso aos referidos álbuns para efectuar as reproduções. Agradeço antecipadamente a todos os militares e famílias a atenção e o auxílio que eventualmente possam vir a facultar.

CONTACTO – LUÍS COSTA:
966287237 ou 219338906

Sem outro assunto de momento, subscrevo-me com elevada consideração.

Atenciosamente.

Luís Costa



A Associação Revista da Cavalaria deseja a todos os sócios e colaboradores, respectivas famílias e patrocinadores, um Santo Natal e Próspero 2005.

Combate em áreas edificadas

- Características e terminologia

I. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como finalidade apresentar e descrever, de uma forma sucinta, determinadas características específicas dos terrenos urbanizados, terminologia, características destas zonas, a sua organização e classificação que devem ser tidas em conta durante o planeamento e a condução de operações nestes tipos de terreno.

A proliferação e expansão das zonas urbanas são um facto consequente da industrialização e do desenvolvimento económico e social, sendo que estas zonas representam a riqueza e o poder dos povos, já que é nestas áreas urbanas que se concentram a maioria das zonas industriais e económicas, assim como os diversos níveis de decisão política. As operações militares nestas áreas assumem um papel importante e decisivo pois permitem, a quem as controla, possuir uma poderosa vantagem estratégica e tática sobre o adversário.

Os comandantes militares, nos diversos níveis de planeamento e decisão, devem prestar especial atenção e compreender a influência que os elementos da urbanização exercem sobre as possibilidades e

limitações das unidades militares e dos sistemas de armas, bem como a forma de converter a seu favor as características peculiares das operações neste tipo de ambientes.

II. CONSTITUIÇÃO DE UM MODELO GENÉRICO DE UMA CIDADE NO CONTEXTO DO COMBATE

Uma cidade é constituída por zonas, ruas e edifícios, sendo que o combate neste tipo de cenários se desenrola em três dimensões: ao nível dos edifícios, das ruas e dos subterrâneos. A forma como a cidade está organizada constitui um condicionamento ao planeamento e execução de operações militares. Apesar de muitas condições variarem amplamente de cidade para cidade, existem determinadas características que lhes são comuns, de forma a poderem ser agrupadas por zonas tipo com características semelhantes que, de acordo com a organização que apresentem, se insiram num quadro típico de classificação. Esta classificação é importante, pois cidades de tipos diferentes influenciam o planeamento e a condução de operações militares de forma distinta. Este conhecimento torna-se importante para o escalão de planeamento e decisão.

III. DESCRIÇÃO E DIVISÃO EM ZONAS

Cada cidade pode ser dividida em várias zonas, em que cada uma significa uma área homogénea de terreno urbano. Estas zonas são determinadas pelos aspectos funcionais e arquitectónicos dos edifícios.

Segundo R. A. Ellefsen em "Urban Terrain Zone Characteristics", a classificação das cidades compreende cinco grandes classes: *espaço aberto*, *zona residencial* (68,3% da área da cidade), *zona comercial* (2,5%), *zona industrial* (14,1%) e *vias de comunicação*. Numa primeira análise, diferenciam-se zonas com edifícios ligados (Zona A) e zonas com edifícios destacados (Zona D). Dentro da zona com edifícios destacados, há a possibilidade de os edifícios se situarem próximos uns dos outros (Zona D_C) ou de os edifícios estarem afastados uns dos outros (Zona D₀). Cerca de 69,6% da área de todos os terrenos urbanizados tem edifícios destacados uns dos outros. As ocorrências de cada classe nas zonas A, D_C e D₀ partilham algumas características semelhantes, como a de estarem a distâncias semelhantes do centro da cidade e terem uma distribuição espacial relativamente uniforme no que se refere à disposição perante as linhas de comboio e restantes vias de comunicação.

III.1 - Situação das Zonas

As zonas estão situadas em círculos grosseiros, sendo o centro físico da cidade o centro daquelas zonas. Regra geral, a zona A ocupa o centro da cidade e é circundada pela zona D_C, estando na periferia a zona D₀, se bem que variem as dimensões das diferentes zonas de cidade para cidade. Podem existir espaços abertos em cada uma das zonas, mas os maiores (parques e praças) costumam existir entre as zonas D_C e D₀. Os edifícios administrativos e culturais estão, normalmente, distribuídos uniformemente por toda a cidade.

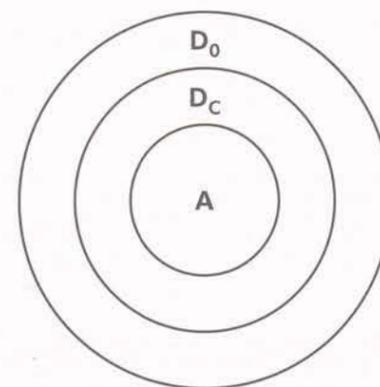


Figura 1 - Esquema de disposição das várias zonas numa cidade.

O modo como estas cidades estão desenhadas depende da forma como se desenvolvem e da geografia/topografia do espaço. De acordo com um estudo efectuado por R. A. Ellefsen em "Urban Terrain Zone Characteristics", de uma forma geral e tendo em conta a sua área total, pode estimar-se para a maioria das cidades que:

- 42,3% está ocupada por edifícios destacados D_C;
- 27,3% está ocupada por edifícios destacados D₀;

- 21% está ocupada por edifícios ligados A;
- 9,4% está ocupada por espaços abertos.

III.2 - Classificação das Áreas Edificadas

As áreas edificadas podem ser classificadas do seguinte modo:

Grandes Cidades - População superior a 100.000 habitantes.



Figura 2 - Cidade de Lisboa.

Pequenas Cidades e Vilas - População entre 3.000 e 100.000 habitantes.



Aldeias - População inferior a 3.000 habitantes.



Figura 4 - Almeida.

Faixas Urbanizadas - Apresentam normalmente um aspecto linear de ligação entre aldeias, vilas e cidades.

III.3 - Tipos de Modelos Urbanos

No que respeita a modelos urbanos, estes podem ser do tipo:

Satélite - É um modelo comum com o seu centro e as suas dependências dispersas por pequenas áreas de construção.

Em rede - Mais vasto e disperso do que o modelo anterior, formado prioritariamente por cidades e vilas.

Linear - Resulta de pequenos centros ao longo de uma confinção natural do terreno.

Segmentado - É caracterizado pela divisão de uma área urbana por terreno natural (por exemplo um rio), por estradas, caminhos-de-ferro ou por canais.

III.4 - Tipos de Construções

No que se refere às construções, há a considerar cinco tipos:

Tipo A - Densa e de construção irregular. É típica das velhas cidades.



Figura 5 - Cidade de Lisboa.

Algumas considerações doutrinárias para o emprego do GCC em operações em áreas edificadas

I. INTRODUÇÃO

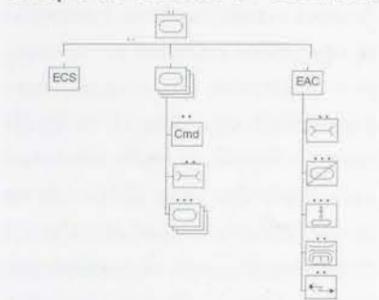
O presente artigo é uma versão sucinta de um trabalho realizado no âmbito da Cadeira de Tática de Pequenas Unidades de Cavalaria do Curso de Promoção de Oficial Superior 2003-04, e tem por objectivo analisar de que forma o GCC pode participar nas Operações em Áreas Edificadas.

II. CONSTITUIÇÃO DO GCC

O Grupo de Carros de Combate (GCC) da Brigada Mecanizada Independente (BMI), que constitui a referência deste artigo, está organizado, equipado e guarnecido com pessoal de forma a efectuar operações de combate de forma contínua (Quadro 1).

Ao nível da Brigada podem ser constituídos Agrupamentos de acordo com as missões a atribuir, sendo frequente ainda o seu reforço com outras unidades de modo a aumentar as suas capacidades de recolha de notícias, de Apoio de Fogos, de Engenharia de Defesa Antiaérea e de Apoio de Serviços. Um Agrupamento, constituído

Grupo de Carros de Combate



Quadro 1 - Organograma do Grupo de Carros de Combate.

com base no GCC da BMI cumpre as suas tarefas integrado nas operações da Brigada.

Devido à especificidade do combate em áreas edificadas, as lições apreendidas neste tipo de conflitos referem que os Carros de Combate (CC) e a Infantaria devem actuar juntos, sendo a Infantaria mais vocacionada para a “limpeza” de edifícios e os CC mais vocacionados para apoiar pelo fogo, eliminar certo tipo de resistências surgidas no decurso do combate, tirando partido da sua protecção blindada e poder de choque. Devem por isso progredir no terreno e actuar juntos esquina a esquina, rua a rua. Deste modo, o GCC no combate em áreas edificadas não deve actuar “puro”, mas servir de base para a constituição de um Agrupamento.

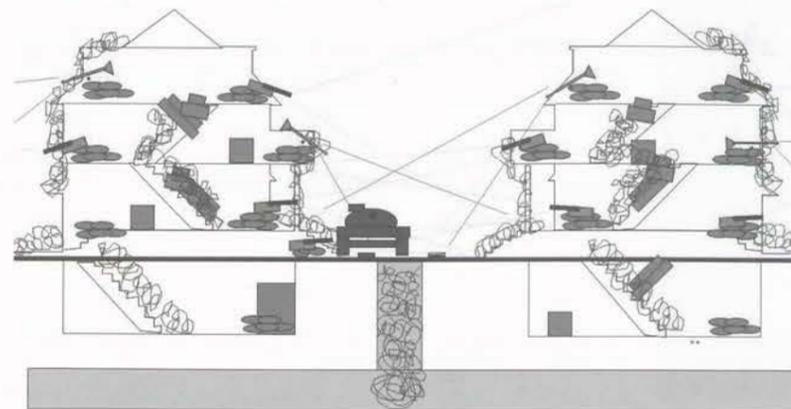
De acordo com o FM 3-90.2¹, um Agrupamento efectua OAE quando:

- É atribuído um objectivo localizado no interior de uma área urbana;
- Uma área urbana é decisiva ou importante para a criação ou alteração das condições de uma operação;
- A área urbana localiza-se na área geral de uma progressão e não pode ser contornada;
- Aspectos de natureza política ou humanitária obrigam ao controlo de uma área urbana ou à condução de operações no seu interior;
- A defesa a partir de áreas edificadas garante maior eficácia no esforço geral de defesa ou então não é possível fazê-lo de outra maneira;
- A ocupação, conquista e controlo da área urbana, negam ao inimigo o seu controlo e a capacidade para influenciar tanto as nossas forças bem como a população civil local, permitindo-nos assim manter a iniciativa e a liberdade de acção para a condução de operações futuras.

III. OS FACTORES DA DECISÃO

No planeamento de quaisquer operações militares, das quais as áreas edificadas não são excepção, devemos ter sempre em atenção os

Ameaças multidireccional



Factores de Decisão. Apresentamos de seguida uma breve análise de cada um deles.

III.1 - Missão

O Agrupamento deve estreitar o contacto com o Inimigo e destruí-lo para obter resultados decisivos neste tipo de operações. O Combate Próximo em áreas edificadas exige uma grande quantidade de recursos disponíveis e as forças devidamente treinadas e equipadas. É necessário, devido ao risco de elevado número de baixas, efectuar um reconhecimento detalhado, isolar a área, utilizar fogos precisos e manobrar.

Objectivo – O Comandante e o Estado Maior devem perceber perfeitamente a finalidade da missão. O Objectivo da nossa Unidade pode estar orientado para o terreno ou para o Inimigo. O Comandante deve ponderar se o empenhamento das suas forças no combate em áreas edificadas é necessário ou contribui para atingir a sua intenção.

Intenção – Durante o planeamento para operações ofensivas, o Comandante e o Estado Maior de-

vem considerar qual a intenção e definir o que consideram ser necessário para a atingir. Por exemplo, o Comandante deve determinar, com clareza, se a “limpeza” se refere a todos os edifícios e quarteirões ou apenas à limpeza ao longo do eixo de progressão até à ocupação de um objectivo.

Com frequência, o Agrupamento pode também integrar áreas edificadas no seu esquema defensivo de modo a constituir uma defesa mais forte.

III.2 - Inimigo

Devemos considerar o potencial, a composição, o dispositivo e actividade recente e actual do Inimigo. Devem ser consideradas, tanto forças convencionais como forças não convencionais e as respectivas táticas passíveis de serem utilizadas. Estas podem incluir desde emboscadas, passando por atiradores especiais, até acções em larga escala por forças convencionais. O IPB² deve considerar as táticas conhecidas e potenciais e as vulnerabilidades de todas as forças inimigas e ameaças que actuem no interior e exterior da área urbana. O IPB deve con-

siderar as três dimensões do ambiente urbano: espaço aéreo, a superfície e o subsolo. Deve considerar também os factores políticos, raciais, étnicos, tribais e religiosos que influenciam o inimigo.

No campo de batalha moderno, para além das forças convencionais que podem actuar em áreas edificadas, podemos também encontrar:

- Forças irregulares;
- Forças paramilitares;
- Organizações de milícias e de forças policiais especiais;
- Organizações criminosas.

Estas forças podem surgir como unidades equipadas com armas ligeiras, morteiros, metralhadoras, armas anti-carro e minas, até forças mecanizadas e blindadas, equipadas com equipamentos de última geração. O ambiente urbano apresenta outras ameaças passivas, tais como doenças provocadas por condições deficientes de higiene e doenças do foro psicológico.

As táticas a utilizar pelo Inimigo, em áreas edificadas são as seguintes:

- Utilizar a população em benefício próprio;
- Tirar partido da guerra da informação;
- Utilizar instalações chaves;
- Utilizar todas as dimensões da área edificada;
- Empregar armas orientadas para as áreas edificadas;
- Empenhar toda a nossa força;
- Concentrar os ataques no apoio de serviços e em militares desprotegidos.

III.3 - Terreno

Uma área edificada constitui uma concentração de estruturas, instalações e população que em conjunto formam o centro económico e cultural das áreas circundantes. A actu-

CAPCAV Machado; CAPCAV Laranjeira e CAPCAV Henriques IGEO, EPC e RL2.



Carro de combate M60A3TTS na região do Porto (1994).

ação do Agrupamento é afectada por todas as categorias de áreas urbanas, desde vilas e cidades até às grandes metrópoles, todas elas podendo cobrir centenas de quilómetros quadrados. Normalmente, nesta situação, o Agrupamento actua integrado numa unidade de escalão superior.

Uma análise detalhada da área urbana e das áreas adjacentes é fundamental para o sucesso de qualquer missão no seu interior. O Comandante do Agrupamento

deve saber quais os elementos das infra-estruturas urbanas necessários para atingir a finalidade e estado final da missão da Brigada. As cartas militares em princípio não apresentam o detalhe necessário para a análise a efectuar do terreno na área edificada. Fotografias aéreas actualizadas e outras fontes de in-

formação são fundamentais ao planeamento. Podem ser ainda de bastante utilidade os mapas e diagramas da cidade provenientes de outras fontes, tais como as autoridades locais, as agências de turismo, ou as forças policiais.

O Oficial de Informações deve procurar obter mapas e diagramas do seguinte:

- Redes do metropolitano, caminhos-de-ferro e vias de trânsito intenso;
- Redes de esgotos e canaliza-

ções;

- Circuitos de distribuição eléctrica, centrais eléctricas e serviços de emergência;
- Instalações de abastecimento e armazenagem de combustíveis;
- Retransmissores de telemóveis, rádios e outras instalações de comunicações;
- Edifícios da administração pública, hospitais e clínicas.

A análise do terreno, deve também identificar o seguinte:

- Características estruturais dos edifícios, pontes e redes de transportes;
- Estradas, auto-estradas, rios, ribeiros, e outros cursos de água que podem ser utilizados como eixos de progressão;
- Análise do terreno que rodeia a área urbana (OCOPE)³;
- Análise do terreno incluindo o padrão das ruas, tipos de estruturas e espaço de manobra disponível;
- Eixos de Aproximação cobertos e abrigados para o interior da área edificada;
- Pontos Importantes e Terreno decisivo, dentro e fora da área edificada;
- Identificação de edifícios, áreas ou instalações protegidas pela lei que rege os conflitos armados ou restringidas pelas Regras de Empenhamento, tais como: igrejas, instalações médicas, monumentos históricos e outras instalações destinadas às artes e ciências, desde que não estejam a ser utilizadas para fins militares;
- Estádios, parques, campos abertos, campos de jogos e outras áreas abertas passíveis de utilização, como Zonas de Aterragem/Zonas de Lançamento, ou Locais de Reunião de Prisioneiros de Guerra;
- Localização de prisões;
- Instalações de apoio por parte

MOUT

Análise do terreno

Observação e Campos de tiro



da Nação Hospedeira, tais como: armazéns, serralharias e edifícios de empresas de abastecimento;

- Linhas de alta tensão, linhas telefónicas e outros cabos elevados, possíveis obstáculos para helicópteros;
- Potenciais riscos de incêndio e locais de resíduos tóxicos industriais;
- Efeitos das condições meteorológicas a partir de modelos topográficos ou de relatos históricos (por exemplo: efeitos de chuvas intensas na área).

Também é fundamental estabelecer ligação com autoridades e forças militares locais, de modo a obter informações sobre a população, meios de combate a fogos, localização de resíduos tóxicos industriais, meios policiais, planos de evacuação civil, localização de instalações importantes e, sempre que possível, actividade recente do inimigo. O Agrupamento pode também providenciar o apoio de intérpretes.

A cartografia urbana disponível revela-se como um importante contributo ao estudo do terreno.

Antes de abordar um ambiente urbano, o Estado Maior do Agrupamento deve obter e desenvolver também plantas ou cartas da área a considerar, de modo a apoiar o comando e controlo. A Brigada deve obter informação detalhada sobre a área. Os mapas urbanos devem incluir um sistema de referenciação de modo a identificar edifícios e ruas. As designações adoptadas devem ser simples, para permitir a facilidade de navegação na área edificada. Os nomes das ruas não devem ser usados como referências porque o Inimigo pode retirar ou alterar os nomes de modo a confundir as nossas forças.

O reconhecimento inicial através das cartas, plantas e fotografia aérea permite identificar os pontos importantes na Área de Operações. E podem incluir:

- Santuários (Hospitais; Esquadras de Polícia; Embaixadas; Outras instalações);
- Áreas perigosas (Estaleiros de construção; Cruzamentos perigosos; Pontes; Áreas de criminalidade elevada);
- Instalações (Parques; Complexos industriais; Aeroportos).



Carro de combate M60A3TTS em coluna na região do Porto (1994).

A carta da área urbana facilita o controlo porque permite monitorizar a progressão das unidades com um maior detalhe e determinar a sua localização precisa. O Agrupamento utiliza os sistemas de recolha de informação orgânicos para confirmar e actualizar as cartas urbanas. Estas, por sua vez, tornam-se de extrema importância, porque muita da cartografia disponível não revela o nível de detalhe necessário à condução das operações em áreas urbanas. Pormenorizando, o escalão Brigada determina os eixos de aproximação existentes na área de operações urbana, incluindo os transparentes nas cartas e categorizando zonas da área urbana de acordo com as etnias, religião predominante, ou outras características determinantes com impacto na nossa missão

III.4 - Condições meteorológicas

Na análise das condições meteorológicas importa incluir o estudo da visibilidade, ventos, precipitação, temperatura e humidade e a sua influência, não só nos aspectos físicos da área urbana (telhados, aruamentos, esgotos, etc.) como também nos equipamentos das nossas tropas (câmaras térmicas, aparelhos de visão nocturna, emprego de fumos, etc.).

III.5 - Meios

Para a condução de OAE, o Agrupamento pode ser reforçado com meios de Engenharia, Artilharia Antiaérea e Infantaria Ligeira. A Aviação do Exército, Apoio de Fogos, Polícia do Exército, Assuntos Cívicos, Operações Psicológicas, meios de descontaminação NBQ e de reconhecimento, quando disponíveis, podem prestar apoio ao Agrupamento.

A densidade de forças nas operações ofensivas em áreas edificadas pode ser três a cinco vezes maior do que em missões similares em terreno aberto. Para apoiar as operações é necessário equipamento adicional, tal como: escadas, cordas, ganchos e outro equipamento para abordagem a edifícios. As taxas de consumo de munições para armas ligeiras de calibre 12,7mm, granadas (de todos os tipos), mísseis anti-carro, munições de carro de combate e explosivos, podem ser quatro vezes mais que o normal. Deve ser assegurado o reabastecimento contínuo de Classe I, III, V, VII e água para as unidades em 1º escalão. Os abastecimentos devem estar configurados para serem utilizados de imediato e entregues o mais à frente possível nas unidades apoiadas.

III.6 - Tempo disponível

O Combate em áreas edificadas caracteriza-se por uma maior lentidão e por um planeamento metódico e exaustivo das missões. Assim, durante o planeamento de OAE, o Comandante e o seu Estado Maior devem ter estes factos em consideração. Deve ser planeado com mais tempo para efectuar reconhecimentos detalhados, treinos das unidades subordinadas, de acções de atiradores especiais e de reacção a atiradores especiais, demolições, abertura de brechas, combate a incêndios, técnicas de entrada e de deslocamento, construção de posições de combate, detecção de armadilhas e sua neutralização, primeiros socorros em combate e controlo de tumultos.

III.7 - Considerações de âmbito civil

O Comandante e o seu Estado Maior devem entender a compo-

sição, actividades e atitudes da população civil no interior da área edificada, incluindo a infra-estrutura política. Apresentam-se ao Comandante várias opções para controlar o impacto das populações na nossa operação. Estas incluem a monitorização de civis, a proibição de movimentos não autorizados, desvio ou controlo do movimento de refugiados e a sua evacuação.

IV. CONTROLO DAS OPERAÇÕES

As OAE obrigam a um planeamento centralizado e a uma execução descentralizada. Em consequência, o Estado Maior deve elaborar um Plano/Ordem detalhado, sincronizando os sistemas operativos do campo de batalha de modo a atingir a intenção do Comandante e proporcionar às unidades subordinadas os meios para o cumprimento da missão.

IV.1 - Focalização no inimigo

Durante a análise da missão, o planeamento deve centralizar-se nos factores de decisão. O plano deve ser orientado sobre o inimigo e não no terreno. Este deve ser utilizado para destruir o inimigo. Alguns aspectos a ter em conta podem ser os seguintes:

– A avaliação do Inimigo e do terreno numa área edificada são muito mais pormenorizados e demorados do que nos outros ambientes;

– Determinar a localização das forças inimigas, do seu potencial e capacidades. O planeamento deve considerar a destruição dos seus sistemas de fogos directos e indirectos;

– Os eixos de progressão devem estar orientados para os pontos fracos do inimigo, mantendo, no entanto, medidas de protecção da força. Sempre que possível, utilizar eixos de progressão múltiplos e que garantam o apoio mútuo;

– Dividir a área do objectivo em áreas mais diminutas e que facilitem a manobra dos Sub-agrupamentos;

– Isolar a área do objectivo e estabelecer uma base no ponto de entrada. A localização escolhida deve permitir a sua posterior expansão;

– Os Planos da Brigada e do Agrupamento afectam directamente os esquemas de manobra dos Sub-Agrupamentos. Todos os Pelotões devem ter conhecimento de quais os alvos a bater pelos meios da Brigada e do Agrupamento.

IV.2 - Organização do GCC para o cumprimento de tarefas específicas

As OAE podem requerer a constituição de Agrupamentos específicos. Por exemplo, estas operações representam uma de poucas situações em que as unidades de infantaria e de CC podem, de forma eficaz, ser integradas no escalão abaixo de Pelotão. O Comandante de um Agrupamento, constituído com base no GCC, deve considerar a distribuição dos meios onde eles serão necessários para o cumprimento de tarefas específicas. Todas as fases da execução devem ser consideradas quando se procede à constituição das subunidades. Pode ser necessário proceder a alterações na composição e articulação das forças durante a execução da missão.

IV.3 - Apoio de Fogos

A finalidade dos fogos indirectos nas OAE é permitir à unidade de manobra entrar ou contornar a área urbana, preservando o máximo de potencial de combate. O Oficial de Apoio de Fogos (OAF) procede ao seu planeamento de modo a apoiar o plano de manobra, podendo também planear e coordenar as capacidades não letais disponíveis para o Agrupamento. Os assuntos civis e as operações psicológicas devem ser coordenadas com o Comando competente.

IV.4 - Transmissões

Um dos grandes desafios para o Agrupamento é a manutenção da ligação com as unidades subordinadas. Os edifícios e as linhas de alta tensão reduzem o alcance dos rádios. Os controlos remotos ou a colocação das antenas no topo dos edifícios podem resolver o problema para os PC e para os Trens. Os Sub-agrupamentos não dispõem dos meios para garantir a continuidade das comunicações. Por isso o Estado-Maior deve planear a colocação dos meios de transmissões para permitir o acompanhamento das operações dos Sub-agrupamentos. Alguns exemplos tradicionais podem ser:

– Ligação Filar – É um meio seguro e eficaz de comunicação em áreas urbanas. O fio deve ser lançado pelo subsolo, por cima de postes já existentes, ou através dos edifícios, evitando que as viaturas os cortem.

– Mensageiros e sinais visuais – Também podem ser utilizados em áreas edificadas. Os mensageiros devem utilizar itinerários que evitem o contacto com o inimigo. Os itinerários e os horários devem ser diversificados para evitar estabelecer um padrão. Os sinais visuais



Carro de combate M60A3TT5, na região do Porto (1994).

devem ser planeados de modo a serem observados a partir dos edifícios.

V. ALGUMAS LIÇÕES APRENDIDAS NOS CONFLITOS MAIS RECENTES

– Os CC e as VBTP não podem operar nas cidades sem intenso apoio da Infantaria apeada;

– O uso de fumos para ocultar movimentos é especialmente útil;

– Os fogos indirectos são uma ferramenta muito valiosa;

– A blindagem assume grande importância nas áreas edificadas;

– As Viaturas de Combate de Engenharia são muito utilizadas neste tipo de conflitos;

– Os CC assumem uma importância vital no combate em áreas edificadas pela sua protecção blindada, poder de fogo e poder de choque.

VI. CONCLUSÕES

Da análise efectuada, salientam-se as seguintes conclusões:

– No ambiente de áreas

edificadas, o novo processo da tomada da decisão deve reflectir no seu conteúdo as condições específicas deste meio. Por exemplo, o IPB – que procede ao estudo da área de operações e das ameaças que ela alberga – deve ter em consideração, entre outras características, o tipo de construção dos edifícios, a sua organização, o sistema de esgotos, a população e o tipo de ameaças com que nos vamos deparar.

– Com adaptações ao nível da técnica, da táctica e dos procedimentos e com importantes melhorias nos meios principais a empregar, será possível ao GCC cumprir missões em áreas edificadas, tanto no quadro das operações ofensivas, como defensivas, e até mesmo das operações de resposta a crises, tendo em atenção que na maioria das situações se obtêm os melhores resultados através do efeito sinérgico proporcionado pela articulação dos CC com a infantaria, e apoiados, de forma integrada, por elementos dos vários sistemas operativos, havendo a destacar os helicópteros.■

1. Manual de Campanha do Exército americano.
2. Intelligence Preparation of the Battlefield – Estudo do Campo de Batalha pelas Informações.
3. Observação, Campos de tiro, Obstáculos, Pontos Importantes e Eixos de Aproximação.

O emprego de helicópteros em áreas urbanas

Durante muitos e longos anos, quase metade do século passado, o mundo viveu o período da Guerra-fria, caracterizada, entre outras, pela existência de um inimigo perfeitamente identificado e tipificado.

Para fazer face a uma ameaça que se caracterizava essencialmente pelo seu grande potencial em unidades pesadas, os exércitos dos países da NATO e em particular aqueles que estão mais perto do Leste, criaram inúmeros regimentos de helicópteros anti-carro, com centenas de helicópteros do tipo BO-105, para deter aquilo que se imaginava ser uma avalanche de blindados, que iriam entrar pela Europa adentro, devastando qualquer força que se lhes opusesse.

Durante todos esses anos, os helicópteros do exército foram construídos, equipados e armados, para operarem ininterruptamente, de dia ou de noite, dotados de grandes performances em voo, de modo a evitarem a detecção e explorar o efeito de surpresa. Actuando velozmente, batendo alvos a longas distâncias, com precisão, eficácia e em vários locais em simultâneo, ou colocando forças altamente bem preparadas e

equipadas em locais críticos e no momento oportuno, permitiam aos comandantes das forças fazer evoluir rapidamente a situação no campo de batalha.

Os helicópteros eram assim, o trunfo que os exércitos do Ocidente teriam para deter a terrível ameaça de Leste.

Com a queda do "Muro de Berlim", assistiu-se a profundas alterações nas ameaças, ao mesmo tempo que se dava um rápido evoluir do ambiente operacional, caracterizado por um crescimento dos conflitos assimétricos e do número de operações de apoio à paz. Surgia uma maior probabilidade de acções em áreas urbanas, onde as características do terreno, a diversidade das ameaças,

a presença de civis, dos meios de comunicação social e da opinião pública passavam a constituir dificuldades inerentes ao emprego das unidades de helicópteros ao nível dos sistemas C3I, de apoio logístico, emprego do armamento, protecção e emprego da força.

Os recentes conflitos no Iraque, onde grande parte dos combates se tem desenrolado em áreas edificadas, por conferirem vantagens significativas ao defensor, têm revelado que o emprego de unidades de helicópteros equipadas com "Apache", organizados numa estrutura rígida e convencional, tornam-se por vezes num sistema de armas inadequado naquele teatro.

Em 23 de Março de 2003,



Helicóptero anti-carro BO-105.

MAJINF FALEIRO
GALE.



Helicópteros de transporte de tropas.

durante a aproximação a Bagdad, pequenos grupos de iraquianos, dispersos pela cidade, efectuaram numerosas emboscadas com armas de pequeno calibre, provocando baixas superiores a 90% num regimento de helicópteros "Apache" do exército americano e capturaram uma tripulação. Este acontecimento, foi alvo de várias críticas pela imprensa, dizendo que estes helicópteros tinham "os dias contados" porque foram concebidos para ataques em profundidade, em ambiente de guerra convencional e entre forças de armas combinadas.

A alta tecnologia, tanto do armamento como dos sistemas de aquisição de alvos, de detecção de radares antiaéreos ou de detecção de mísseis, revelou-se quase inócua, quando o adversário não possuía tecnologia em paralelo, tornando qualquer helicóptero vulnerável à mais simples arma de tiro tenso.

O combate em áreas urbanas, pelas suas características, exige treino intensivo e uma coordenação complexa com as forças no terreno, sob pena de não permitir explorar a velocidade, a mobilidade e o raio de acção dos helicópteros.

Para as forças adversárias, representa uma das formas mais eficientes de restringir, ou mesmo

de anular, a superioridade "convencional" do oponente, cuja acção é largamente condicionada por uma série de factores. A possibilidade de as forças inimigas se dissolverem entre a população civil, usando "não combatentes" como escudo humano ou somente como camuflagem, dificultando a identificação dos alvos e



Helicópteros Apache.

provocando movimentações de massas que dificultam as operações militares, induz o risco de acções assimétricas.

Associado a este cenário, as unidades de helicópteros debatem-se com as particularidades do terreno. A existência de diversos obstáculos ao voo a baixa altitude, os campos de tiro curtos que

dificultam o emprego de armamento de longo alcance, a presença de fumos que dificultam a observação, a ligação, a navegação e a identificação, a pequena dimensão e a escassez de zonas de aterragem, os obstáculos à propagação de frequências rádio, que dificultam a acção de comando e a coordenação com as forças no terreno, a proliferação de fontes de calor e de grandes superfícies espelhadas, que interferem no sistema de guiamento dos mísseis e no uso de aparelhos de visão nocturna, tornam os helicópteros altamente vulneráveis, em especial durante as fases de descolagem, aterragem ou de voo estacionário.

As características das áreas urbanas e o tipo de operações que nelas se desenvolvem tornam

obsoleto ou ineficaz alguns dos sistemas de armas, tradicionalmente desenhados para serem empregues em terreno aberto, contra forças convencionais. Os mísseis tipo "fire and forget" e os sistemas de guiamento laser são significativamente afectados pela presença de numerosas fontes de calor, radiações electromagnéticas e de



Helicóptero Black Hawk em operações sobre área urbana.

grandes superfícies espelhadas usados em algumas construções.

O elevado poder explosivo das munições aumenta o risco de danos colaterais e a probabilidade de infracção de leis e convenções humanitárias, o que significa que acções tácticas poderão ter consequências estratégicas. Nos combates em Israel, o uso de helicópteros contra alvos no interior de zonas edificadas, tem sido um dos factores influen-

ciadores da opinião pública, através da presença constante da comunicação social.

Pelos exemplos dos últimos 10 anos (Mogadisciu, Sarajevo, Bagdad, etc.), não parece haver dúvidas de que os grandes centros populacionais se tornaram locais privilegiados de confronto. Nenhum deles dispensou o emprego de helicópteros em missões de combate, de apoio ao comando e controlo, de apoio ao

combate ou de apoio de serviços. Com as suas características de versatilidade, de flexibilidade de emprego, de raio de acção, de velocidade, de capacidade de obtenção de informações, de localização de objectivos e de guerra electrónica, continuam a ser um elemento imprescindível para o êxito das operações. São a melhor forma de vencer os obstáculos e a compartimentação do terreno, podendo colocar forças em qualquer local, utilizando os topos de edifícios para os desembarques ou aplicando técnicas do tipo "fast rope". Permitem: observar os combates de cima; fazer fogo preciso e a partir de ângulos difíceis; fornecer informações às forças terrestres, evitando que estas caiam em emboscadas; e mudar rapidamente a direcção dos combates.

Após o "dia negro" para a aviação do exército americano (23 de Março de 2003), começaram a ser implementadas tácticas adaptadas a conflitos assimétricos, empregando pequenas unidades de "Apache" em coordenação com outras aeronaves, forças de reconhecimento terrestres e UAV's (viaturas aéreas não tripuladas), com enorme sucesso, contrariando o que havia sido escrito pela imprensa e abrindo novos horizontes para estas máquinas.

No futuro, os helicópteros terão com certeza o seu papel nas operações em áreas urbanas, desde que empregues em tácticas, técnicas e procedimentos adequados. Consequentemente, a optimização do seu emprego requer o desenvolvimento dos sistemas de navegação, protecção, sistemas de armas (eventualmente o uso de armas não letais) e treino específico das tripulações. ■



Helicóptero Cobra em operações ofensivas.

No prelo



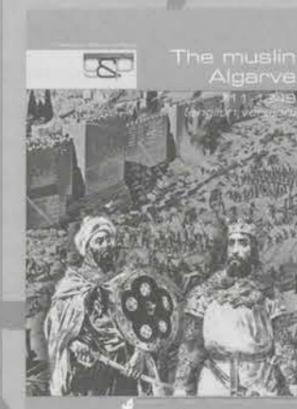
#7



#8



#9

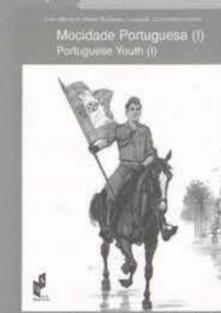


#6 (versão em inglês)

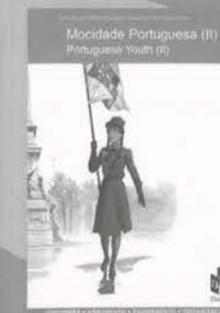
Já disponíveis



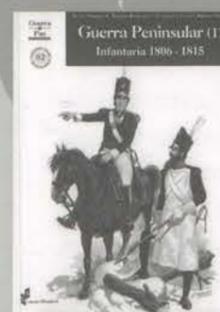
#6



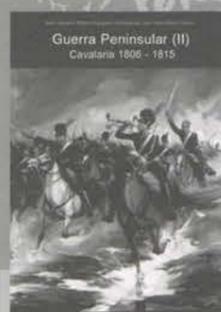
#3 (edição especial com oferta de Puzzle)



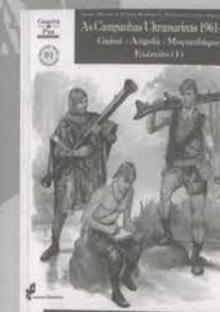
#4 (edição especial com oferta de Puzzle)



#2 (edição especial com oferta de Puzzle)



#5 (edição especial com oferta de Puzzle)



#1 (edição especial com oferta de Puzzle)

A «Colecção Guerra & Paz» está aberta a colaboradores externos, podendo as propostas serem enviadas ao cuidado «Redacção DestArte»

A reedição de livros já publicados ou propostas de novos livros poderão ser incluídos nesta colecção, «hors serie»

Colecção GUERRA & PAZ

Colecção alicerçada em detalhada e aprofundada informação sobre uniformes, equipamentos, armamentos e organização.

A colecção incide sobre os diversos exércitos ou guarnições locais, bem assim como outras organizações de âmbito militar ou não militar, que existiram ou estiveram em Portugal.

Cada número da colecção "Guerra & Paz" cobre um só tema, desde a antiguidade aos nossos dias.

Amplamente ilustrados, cada número contém 48 - 80 páginas a cores.

Apresentado de uma forma simples e acessível, torna-se num óptimo auxiliar para os investigadores, historiadores, coleccionadores de militar, aderecistas, guarda-roupa, ilustradores, modelistas, etc.

Praga da Alegria, 30-31
P 1250-004 LISBOA
(351) 21-324.2960
(351) 21-347.5811
destarte@vianw.pt

HORÁRIO LIVRARIAS: 2.ª e Sábado, das 10h00 às 19h00 (aberto à hora do almoço)
Domingos e Feriados: Encerrado
HORÁRIO GALERIA: 3.ª e 6.ª-feira das 10h00 às 20h00
2.ª e Sábados das 10h00 às 19h00 (aberto à hora do almoço)
Encerra Domingo e Feriados
METRO: Avenida e Restauradores
PARQUES: Mayer, Restauradores e Salitre



A estrutura de um Agrupamento para a condução de operações militares em áreas urbanas – Uma proposta.

“As áreas urbanas serão, muito provavelmente, o campo de batalha do futuro, pelo que será de esperar uma crescente procura de forças com credível qualificação para operar nessas condições¹”.

I. - INTRODUÇÃO

Ao ser convidado pela Direcção da Revista da Cavalaria para escrever um artigo em torno da temática do combate em áreas urbanas, não resisti a abordar e propor um ensaio para a articulação de um Agrupamento Mecanizado, tendo em vista a condução de operações militares em áreas urbanas. Essa temática, sobre a qual tive oportunidade de me debruçar por inerência do Curso de Estado Maior, reveste-se da maior pertinência e actualidade.

Os conflitos urbanos como os que ocorreram nas cidades do Panamá, Mogadíscio, Porto-au-Príncipe, Grozny, Sarajevo, Beirute, ou mais recentemente Bagdad, enfatizam a necessidade de orientar os modelos e estruturas das forças militares para a condução de operações em

cidades. Este “novo” ambiente exige requisitos tecnológicos e doutrinares distintos de outras realidades de emprego do aparelho militar, condicionando a utilização de uma força sem estrutura, equipamento, ou treino adequados.

Neste sentido, como articular uma unidade de escalão agrupamento para operar nesse tipo de Teatro de Operações? Que capacidades deverão nortear o seu dimensionamento? Que sistemas de armas o agrupamento deverá comportar?

A tentativa de resposta a estas e outras questões tem de começar pela compreensão e enquadramento daquilo que é a realidade da conduta operacional num ambiente urbano.

II. - OPERAÇÕES EM CIDADES. CARACTERÍSTICAS E INFLUÊNCIAS NA ACTIVIDADE OPERACIONAL.

A necessária compreensão da sua tipologia (conduta operacional num ambiente urbano), em parte conectada com o caos e com a incerteza, levar-nos-ia a um período bem distante da evolução da humanidade. Na verdade, desde a antiguidade clássica, as cidades, vilas ou aldeias, rodeavam-se de muralhas

como forma de tornarem as necessidades de protecção daquilo que materializava a sua entidade colectiva. Esses obstáculos, com maior ou menor altura, materializavam um valor defensivo de relevo, limitando o êxito ou fracasso no assédio à área urbana. Quando projectado para o seu interior, tal como na actualidade, o combate limitava-se à tipologia dos arruamentos e das infra-estruturas, sendo marcado por uma grande agressividade, roçando por vezes a barbárie (Douglas, 1964).

O aparecimento das armas de projecção de fogo relegou para um segundo plano o valor estratégico de uma cidade. Com a revolução industrial, com o consequente deslocamento da mão-de-obra (essencialmente rural) necessária à sustentação e proliferação dos centros de produção industriais para as cidades, e a multiplicação desses centros no seu interior ou periferia, relevo de novo o seu valor estratégico² (Delfante, 1997).

Mais perto dos nossos dias, a nova dimensão do terrorismo transnacional e o fim da “santuáriação” dos EUA, materializado pelos atentados de 11 de Setembro de 2001, alicerçou uma moderna conflitualidade, marcada por uma grande intensidade, encontrando

neste mundo, essencialmente urbano, um palco privilegiado para a sua sustentação.

Mas, nos dias de hoje, qual é a realidade das operações militares em cidades? Manterão a tipologia de conflitos passados?

Primeiro, caracteriza-se pela presença de civis e todas as infra-estruturas de apoio necessárias à respectiva sobrevivência, facto que condiciona as regras de empenhamento. Com efeito, elas determinam o modo como as forças em presença farão o uso da força, tendo em atenção as baixas entre civis (Gerwehr, 2000).

Segundo, os combates podem desenvolver-se em simultâneo ao nível do subsolo, solo, acima do solo e no interior ou cobertura de edifícios de dimensão elevada. Analisando a totalidade da área disponível para a progressão de uma força ao nível do solo constata-se que a mesma não apresenta uma dimensão excessiva quando comparada com outros tipos de teatros de operações. No entanto, contabilizando todo o volume tridimensional para o desenvolvimento do combate, rapidamente se constata que esse valor é consideravelmente superior (Gerwehr, 2000).

Terceiro, como está demonstrado no Iraque, o conflito é marcadamente assimétrico, a estratégia do mais fraco não será vencer a batalha militar, mas sim vencer no campo mediático, mostrando pela televisão as perdas do seu adversário. O impacto crescente dos média que acompanham em directo o desenrolar das operações militares, conduz à restrição do emprego da força nas operações militares, nomeadamente quando estas se desenrolam em cidades (RAIDS, 2003).

Por fim, devido às dimensões das infra-estruturas e toponímia dos

arruamentos, o combate desenvolve-se a curtas distâncias (cem metros ou menos) sendo pautado pelo consumo acentuado de abastecimentos e necessidades de apoio e evacuação sanitária, muitas vezes provocada por fogo fratricida (Du Four, 2003). Aliás, na tentativa de minimizar as limitações impostas à capacidade de observação e campos de tiro, não há um emprego sistemático de unidades de apoio e manobra. A própria unidade, pelas limitações apresentadas, é obrigada a estabelecer os seus elementos de manobra e apoio, alternando essas missões de acordo com a percepção táctica para abordagem aos objectivos delineados (Gerwehr, 2000).

Em termos comparativos, podemos afirmar que, como Grozny³ ou mais recentemente o Iraque vem demonstrando, as operações em cidades, enquadradas num novo espectro de operações militares entre o apoio humanitário e a guerra, continuam a ser críticas, rudes e desgastantes. Por outro lado, a combinação do risco, do caos e da incerteza na conduta operacional, exige capacidades adequadas, inovadoras e diferenciadas, quer ao nível da capacidade de comando e controlo, quer ao nível dos diferentes sistemas de armas de manobra, apoio de combate e apoio de serviços.

Esta mesma percepção é retirada da análise das principais lições apreendidas do conflito iraquiano.

III. - O CONFLITO IRAQUIANO

Este conflito alerta-nos e conduz-nos para a necessidade de in-

troduzirmos alterações de relevo no processo de articulação dos elementos essenciais de combate⁴, bem como nas dinâmicas e processos de formação e treino.

Na verdade, desde Abril de 2003, altura em que o regime deposto deixou de oferecer resistência, uma nova dinâmica de ataques por forças irregulares, equipadas com armas automáticas, mísseis anti-carro portáteis (Rocket-Propelled Grenades (RPG)), bombas e morteiros, acentuou as dificuldades de controlo geográfico, económico e político da região, deixando no ar mais uma vez (como a história vem demonstrando) a diluição da capacidade dissimétrica⁵ do mais forte.

Efectivamente, a realidade do problema Iraquiano, um pouco como aquele verificado em Grozny, é que a força irregular, menos equipada e carenciada logisticamente, é capaz de “derrotar” um adversário potencial e tecnologicamente superior, a partir do momento que consiga – por acções agressivas, terríficas e concertadas – quebrar a ideia de protecção e segurança da força e criar uma intensidade de baixas capazes de proporcionar um impacto político negativo ao nível global (Cordesman, 2003).

Nesta óptica, traduzindo a especificidade de resposta às ameaças em termos de lições apreendidas, será possível reunir alguns entendimentos relevantes.

Ao nível do combate, para além do emprego de plataformas mecanizadas⁶, a integração da infantaria com carros de combate e helicópteros de ataque para neutralizar e destruir núcleos de resistência⁷ é uma realidade incontornável.

Ao nível do apoio de combate, para além da capacidade de observação e aquisição de alvos a longa

dentemente da personalidade que o enquadre, não se esgote na articulação proposta mas, por outro lado,

abra um espaço de reflexão e crítica. Parafraseando John Fitzgerald Kennedy, a proposta abordada sim-

boliza tanto um final como um princípio, significando tanta renovação como mudança.■

BIBLIOGRAFIA

Livros, Artigos, Monografias e Manuais Doutrinários:
 ABIKO, Alex et. al. - HURBANISMO E DESENVOLVIMENTO. Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. Departamento de Engenharia de Construção Civil, 1995.
 AZIMUTE - SOLDADO DO FUTURO. Programas de Modernização do Soldado - "O Estado da Arte". Separata da Revista nº174.
 CORDESMAN, Anthony H. - THE IRAQ WAR Strategy, Tactics, and Military Lessons. Washington, D.C.: The Center for Strategic and International Studies, 2003. ISBN 0-89206-432-3.
 DELFANTE, Charles - A Grande História da Cidade. Da Mesopotâmia aos Estados Unidos. Lisboa: Instituto PIAGET, 1997. ISBN 972-771-207-X.
 DOUGLAS, Mary - O MUNDO DO HOMEM. A SOCIOLOGIA. Lisboa: Publicações Europa-América Lda., 1964.
 FERNANDES, José P. S. Contente - O Ambiente Operacional. Boletim do Instituto de Altos Estudos Militares. Lisboa: Edições Atena Lda. ISSN 0874-8853 (2002), pp.15-28.
 FM 3-06.11. An Infantryman's Guide to Urban Operations. Washington (2001).
 FM 3-21.31. The Stryker Brigade Combat Team Washington (2003).
 GERWEHR, Scott et. GLENN, Russell W. - THE ART OF DARKNESS. DECEPTION AND URBAN OPERATIONS. 2000. ISBN 0-8330-2787-5.

NOTAS

- Rodrigues, Almirante Alexandre Reis, 2003, pp 56-57.
- Na Inglaterra, berço da revolução industrial, a cidade de Londres, por exemplo, passou de 864 845 habitantes em 1801, para 1 873 676 em 1841, e 4 232 118 em 1891. Em menos de um século a população praticamente quintuplicou. Paralelamente, o número de cidades inglesas com mais de cem mil habitantes passou de duas para trinta, entre 1800 e 1895 (Abiko, 1995).
- Grozny é a capital da Chechênia, região do Cáucaso pertencente à Federação Russa. De 1994 a 2000 foi palco de batalhas entre as Forças Armadas Russas e forças rebeldes que ambicionavam uma autonomia política e administrativa para a região.
- Manobra; Apoio de Fogos; Informações; Protecção (mobilidade, contra-mobilidade e sobrevivência); Apoio de Serviços; e Comando e Controlo.
- Nos conflitos simétricos as forças em presença e que se opõem apresentam uma natureza similar quanto ao volume, equipamento, tecnologia e doutrinas, utilizando os mesmos modelos estratégicos militares. Nos conflitos assimétricos as mesmas capacidades são dispare. Nos conflitos dissimétricos um dos contendores apresenta, pelo menos, uma diferença nos métodos, capacidades ou objectivos.

MANUAL DE INFORMAÇÕES Estado-Maior do Exército, 2ª Repartição. Lisboa (1979).
 ME 20-77-04. OPERAÇÕES DE APOIO À PAZ. Lisboa: Instituto de Altos Estudos Militares (2004).
 MORTENSON, Darrin - Wow to squeeze a city. TIME. Nº19 (2004), pp. 29-30.
 PARTRIDGE, Ira L. - Deplorable Versus Survivable. ARMOR US Army Center ISSN 0004-2420. n.º 2 (2001), pp. 12-14.
 RAD 280-1. SEGURANÇA DA INFORMAÇÃO ARMAZENADA, PROCESSADA OU TRANSMITIDA NOS SISTEMAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO DO EXÉRCITO. Estado-Maior do Exército. Lisboa (2003).
 RAIDS. LES HORS-SERIE - Les Combats e zones urbanisées. Un nouveau défi pour les militaires. Paris. n.º 11 (2003).
 RC 130-1, Volume I. OPERAÇÕES. Estado-Maior do Exército. Lisboa (1987).
 RC 130-1, Volume II. OPERAÇÕES. Estado-Maior do Exército. Lisboa (1987).
 RC 80-5. BRIGADA DE INFANTARIA INDEPENDENTE. Estado-Maior do Exército. Lisboa (1991).
 REGULAMENTO DE CAMPANHA DO BATALHÃO DE APOIO DE SERVIÇOS. Estado-Maior do Exército, 4ª Repartição. Lisboa (1979).
 RODRIGUES, Alexandre Reis - Considerações Sobre o Sistema de Forças Nacional. CADERNOS NAVAIS. Lisboa. Grupo de Estudo e Reflexão de Estratégia. Edições Culturais da marinha. ISBN 977-8004-58-3. n.º 5 (2003)

- As recentes lições apreendidas no conflito iraquiano demonstram que no combate em cidades, a exemplo daquilo que vem sendo o modo de actuação israelita nas cidades da Cisjordânia, as viaturas de rodas ainda não se apresentam como uma alternativa de relevo ao carro de combate e às viaturas de combate de infantaria. A esse propósito é curioso referir que os Exércitos Russo e Israelita orientaram a evolução dos sistemas de armas em torno de viaturas de combate de infantaria (VCI) e veículos blindados de transporte de pessoal (VBTP) reforçados com blindagens reactivas (explosive reactive armor (ERA)). No caso israelita a primeira VBTP M113 (USA), modificado para o sistema ERA, surgiu em 1996. Até esse período os israelitas empregaram a estrutura do carro de combate "Centurion" como plataforma de combate da infantaria com uma torre adaptada para transporte da secção de atiradores (Partridge, 2001). No caso do Exército Russo as preocupações resultantes da batalha de Grozny em 1995, traduziram-se no desenvolvimento de um projecto para um APC blindado designado "Brnyetransporter-Tyazhely (BTR-T) a partir da estrutura do carro de combate T-55. Desse projecto saíram diferentes modelos de viaturas de combate de infantaria, destacando-se diferentes mas complementares capacidades como a inclusão de uma peça de 30 mm e sistemas de lançamento de granadas de 40 mm. Face à exiguidade do espaço da estrutura do T-55 foram desenvolvidos outros conceitos com

RTO-TR-71. Report by the RTO Study Group SAS-030 on URBAN OPERATIONS IN THE YEAR 2020 (2003).
 VLANA, Vítor Daniel Rodrigues (2003) - O CONCEITO DE SEGURANÇA ALARGADA E O SEU IMPACTO NAS MISSÕES E ORGANIZAÇÕES DAS FORÇAS ARMADAS. Trabalho elaborado no âmbito do Curso Superior de Comando e Direcção 2002/2003. Boletim de Formação e Investigação e Doutrina do IAEM. N.º 58. Lisboa: Instituto de Altos Estudos Militares. ISSN 0874-8853 (2003) pp. 91-177.
 Documentos Electrónicos:
 GLOBALSECURITY.ORG - [Em Linha]. 30 Dec. 2003. Disponível na WWW: <URL: <http://www.globalsecurity.org/military/library/report/2003>.
 LEONHARD, Robert R. - Sun Tzu's Bad Advice: Urban Warfare in the Information Age. ARMY. April (2003) - Em Linha. [Cónsul. Jun. 2004]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.ansa.org/www/armymag.nsf>.

- base na estrutura do CC T-72 (Partridge, 2001)
- O Corpo de Marines dos EUA nos combates pela posse da cidade de Fallujah (com cerca de 300 000 habitantes), 90% dos alvos adversários - equipados com espingardas automáticas AK47, morteiros de reduzido calibre (60 e 81 mm) e lança granadas foguetes RPG7 - estão visíveis apenas por alguns segundos. Estas dificuldades vêm obrigando à articulação da força em grupos de combate apeados que procuram orientar o fogo dos helicópteros de ataque e das peças dos CC instalados em bases de fogos a partir de perímetros seguros (Mortenson, 2004, 30).
- In Revista AZIMUTE - SOLDADO DO FUTURO. Programas de Modernização do Soldado - "O Estado da Arte". Separata da Revista nº174.
- Informação é um conjunto de dados úteis e pertinentes, que podem ser empregues no apoio à tomada de decisão (RAD 208-1, 2003). Já as informações são conhecimentos adquiridos através da pesquisa, estudo e interpretação de notícias de potenciais adversários ou da área de operações (MANUAL DE INFORMAÇÕES, 1979).

UMA GAMA DE BLINDADOS DE RODAS PARA O COMBATE PROXIMO



PANHARD - Photos YDEBAY - Communication - E-GUIRIES

RECONHECIMENTO
 COMANDO
 COMBATE

Une Tradition d'Avant-Garde

PANHARD



MONTAGREX - OPTAGREX

Sociedade Portuguesa de Importações e Exportações, Lda.



Sub-agrupamento ALFA da GNR no Iraque.

Fez um ano no dia 12 de Novembro de 2003, que um grupo de militares da Guarda Nacional Republicana saiu do Território Nacional em direcção ao muito conturbado e conflituoso Iraque. Esse grupo constituía o Sub-agrupamento Alfa.

Uma vez no Iraque, o Sub-agrupamento Alfa ficou sediado na cidade de *An Nasiriyah*, na província de *DHI QAR*. Juntamente com 3 Companhias Italianas dos Carabiniere e uma Companhia Romena da Polícia Militar constituíam o Batalhão MSU.

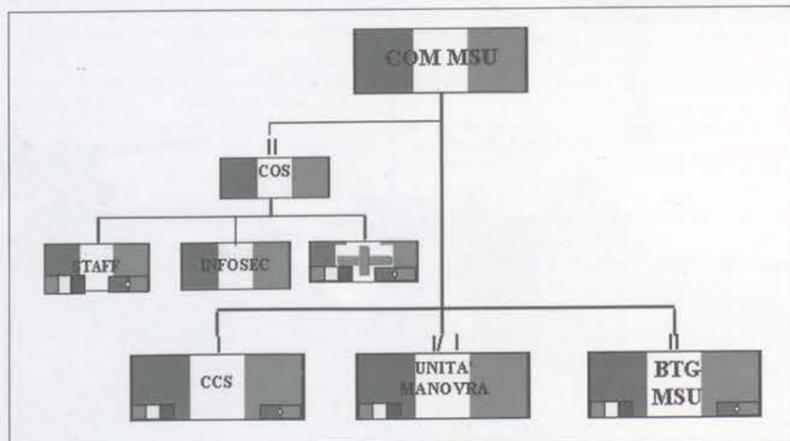
O Batalhão MSU fazia parte de um Regimento MSU, de comando italiano, com a seguinte articulação:

Ao Regimento MSU competia executar as seguintes missões:

- Desenvolver operações de polícia executiva (inclusive de polícia criminal) de apoio, ou em circunstâncias particulares de substituição da polícia local com o objectivo de restabelecer a segurança e ordem públicas;

- Garantir um nível adequado de segurança à população local até à transferência da autoridade das forças da coligação para a autoridade civil local;

TENGNRCV MAURO FERREIRA e
TENGNRINF MARCO CRUZ
Comandante interino 2º Esquadrão/Reg Cav e Comandante interino Companhia/Reg Inf.



Organograma do Regimento MSU.

- Providenciar, em estreita colaboração com Centro de Cooperação Civil/Militar (CIMIC/CMOC), o desenvolvimento de toda a actividade necessária à reconstituição e reorganização da

polícia local, em conformidade com os conceitos internacionais de democracia;

- Intervir em toda a área de responsabilidade do Regimento MSU e sob ordens do Comandan-



Mapa da zona de acção referente à província DHI QAR.



Trânsito nas ruas da cidade Al Basrah.

te da Divisão em toda a área divisional.

O Regimento MSU dependia da Joint Task Force Italiana (IT JTF - Brigada Sassari), que controlava toda a província de *DHI QAR*, e tinha por missão conduzir operações de segurança e estabilização na sua área de responsabilidade, de acordo com as resoluções n.ºs 1483 e 1511 do Conselho de Segurança das Nações Unidas, de forma a criar as condições de segurança e estabilidade que permitissem a entrada e distribuição de assistência humanitária e a reconstrução do país.

A Brigada Italiana dependia da Divisão Multinacional (SE) Britânica, com o comando sediado em *Al Basrah* (Bassorá). Conduzia operações de segurança e de estabilização na sua área de actuação (províncias a sul do Iraque), com o objectivo de criar todas as condições para que o Iraque se possa transformar num Estado estável, autogovernado e ser integrado na comunidade internacional.

Das missões atribuídas aos diversos escalões presentes no Teatro de Operações, o Batalhão MSU ti-

nhava especificamente que executar os seguintes serviços:

- Guarda** – Serviço de 24 horas, que consistia na defesa do perímetro do quartel de *Libeccio* em *An Nasiriyah* e junto ao quartel denominado *Animal House* (instalações que sofreram o atentado terrorista em 12NOV03).

- ROC (Radio On Call)** – Este tipo de serviço consistia em ter uma das companhias do Batalhão MSU

em grau de prontidão a zero minutos no quartel de *Libeccio*, para fazer face a todo o tipo de ocorrências que surgissem na cidade (alteração da Ordem Pública).

- Patrulhas** – Este tipo de serviço executava-se por períodos de 6 horas, durante 24 horas. Existiam 5 giros de patrulhamento que eram determinados pelo comando do Batalhão MSU para cada patrulha. Os locais de patrulhamento incidiam preferencialmente na cidade e em cada giro existiam locais predefinidos para patrulhamento apeado. Em cada giro existiam vários pontos de passagens obrigatórias, sendo esses pontos utilizados para comunicação com a base a fim de localizar as patrulhas.

- Escoltas** – Este tipo de serviço consistia em efectuar escolta a membros da unidade de manobra ou Estado-Maior do Regimento MSU, sempre que os mesmos se deslocassem ao exterior do quartel.

- Serviço Auto GRILL** – Consistia em inspeccionar todas as estações de serviço existentes na cidade. Durante a inspecção era



Elementos da GNR em patrulhamento montado nas viaturas dos Carabiniere.

Porque será que os outros exércitos precisam de Master Gunners?

I. - INTRODUÇÃO

Tendo eu praticamente assumido a "reforma antecipada" da nobre função de *Master Gunner*, função esta nunca exercida oficialmente num Exército que não sabe para que serve alguma da formação dada aos seus quadros em exércitos de países aliados, como o Exército dos Estados Unidos da América, eis que me vem parar às mãos uma revista do Exército de Terra Espanhol com um interessante artigo, cujo título é "o instrutor avançado de tiro"¹. Isto fez-me escrever este pequeno artigo com o objectivo de partilhar com os camaradas da Arma a sua informação e comparar algumas situações com a realidade do nosso Exército.

Sou um dos únicos de quatro militares Portugueses que possui a formação de *Master Gunner* adquirida entre Dezembro de 1994 a Abril de 1995 nos Estados Unidos da América, na NCO Military Academy em Camp Shelby, Mississipi, que é uma unidade da Guarda Nacional. Actualmente encontro-me colocado na 3ª Secção/QG BMI e os restantes encontram-se nas seguintes situações: um está de licença ilimitada no estrangeiro, o outro concluiu o

curso de oficiais técnicos e o último está a desempenhar funções no Presídio Militar.

De seguida, passo à tradução do artigo e, em relação ao qual, acrescento entre parêntesis e itálico alguns comentários sobre a realidade do nosso Exército.

II. - O INSTRUTOR AVANÇADO DE TIRO (IAT)

O processo de instrução e treino das nossas unidades mecanizadas deve ter em conta a chegada dos novos Carros de Combate Leopard 2B(1). Deve ser dada grande importância aos meios de simulação, actualmente muito avançados e estudar a sua articulação no processo de instrução. Este processo alcança a sua maior complexidade devido ao exigente empenho a que as guarnições são submetidas de forma a tornar eficaz o grande potencial de fogo destes carros.

A simples enumeração dos meios técnicos de apoio à instrução de tiro que estão a ser desenvolvidos dá-nos a ideia da sua complexidade. Entre estes podemos citar: instrução assistida por computador, simulador de torre, simulador de pontaria-tiro-táctica (versão profissional do *Steel Beast*), carreiras de tiro reduzidas e simulador de duelo (*alguns destes*

sistemas ou equivalentes foram recebidos aquando da chegada do M60A3TTS a Portugal, mas estão "abandonados", inoperativos ou falta quem saiba trabalhar com eles).

Para o controlo e direcção deste complicado processo é preciso pessoal especializado, pelo que é necessário qualificar parte do pessoal das unidades mecanizadas. Com esta finalidade estão a dar-se os primeiros passos para a criação da figura do Instrutor Avançado de Tiro (IAT), seguindo o exemplo do *Master Gunner*, existentes na maior parte das unidades mecanizadas dos países mais evoluídos (*estivemos mais avançados, aquando da formação de quatro sargentos nos EUA, mas nunca foi dado seguimento a essa formação nem teve consequências no nosso sistema de instrução*). A aprovação do MI6-045³, que define e regula as missões do IAT, pode considerar-se a primeira etapa de um longo caminho a percorrer.

O IAT deve ser, no processo de instrução, como a fibra nervosa que assessora o comando, faz o seguimento dos programas aprovados, impulsiona a sua execução, colabora nas avaliações e dirige o emprego dos meios técnicos de apoio, sempre em relação ao tiro de carro de combate. Assim, o MI6-045 define um oficial ou sargento das armas, especializado em tiro de carro de combate, em instrução de tiro, análise de resultados e emprego de meios



Tiro reduzido de Mannlicher .22 do carro de combate M60A3TTS.

técnicos e que deve actuar de forma a maximizar essa instrução.

Nas próximas linhas vamos tratar de nos aproximar à figura do IAT. Começaremos com a descrição do curso de especialização necessário e de seguida falaremos sobre a sua possível integração nas unidades. A partir desta integração vamos descrever as suas missões nas diversas etapas do processo de instrução e treino. Terminamos com uma aproximação à figura do *Master Gunner* em diversos países que contam com carros de combate de última geração (*a figura que os Espanhóis tentam agora criar, já o nosso Exército tinha em 1995. E hoje? Onde estão hoje os Master Gunners Portugueses?*).

III. - O CURSO DE INSTRUTOR AVANÇADO DE TIRO

A figura do IAT começou a tomar forma quando seis elementos da *Divisão Acoraçada* se deslocaram à Holanda para tirarem o curso. Depois disso houve um segundo curso e está planeado um terceiro. A realização do curso de *Master*

Gunner deu-nos a possibilidade de participar na conferência internacional anual de *Master Gunners* de diversos países e que permitiu o intercâmbio de experiências. (*nós temos os Master Gunners, mas nunca tivemos necessidade de participar nestas conferências*).

O curso de IAT tem uma estrutura básica similar em todos os países: acesso condicionado, formação teórica, conhecimento dos meios de simulação, emprego dos meios no processo de instrução e treino e desenvolvimento de exercícios de tiro. A formação teórica abarca desde os conhecimentos gerais de balística, até ao estudo detalhado dos diversos sistemas de pontaria e tiro do carro de combate. Este estudo deve ter um carácter iminentemente prático, analisando os procedimentos de tiro que melhor se adaptem às características do carro e métodos de treino destes procedimentos.

Especial atenção é dada à normalização de procedimentos, processo em que o IAT vai ter um papel importantíssimo. A formação nos meios de simulação e outros meios técnicos de apoio à instrução, devem ter em conta o seu funcionamento e manutenção de primeiro escalão, assim como a criação de novos cenários de treino.

Para o IAT é tão importante saber como funcionam estes meios, como o que se pretende obter com cada meio e em cada fase do processo de instrução, para que o emprego dos meios e desenvolvimento de novos exercícios seja de acordo com os objectivos da instrução. No que diz respeito ao tiro real, deve especializar-se em organização de carreiras de tiro, estruturação de exercícios de tiro e análise dos resultados.

IV - POSSÍVEL INTEGRAÇÃO DOS IAT NAS UNIDADES

O IAT deve estar integrado nos quadros orgânicos existentes de forma a não criar novos lugares nas unidades, ou seja, deve ser chefe de carro e em acumulação IAT do Esquadrão/Grupo (*no caso Português, exercíamos as nossas funções no Grupo de Carros de Combate/BMI e desempenhávamos ao mesmo tempo as funções de Master Gunner, o que é correcto*).

V. - MISSÕES DOS IAT NO PROCESSO DE INSTRUÇÃO E TREINO

Se compararmos o processo de instrução e treino a uma pirâmide, facilmente chegamos à conclusão que a eficaz aplicação do potencial de fogo será o vértice de um processo que conduz à destruição do inimigo no menos tempo possível e com o mínimo consumo de munições. Na base desta pirâmide encontram-se as tarefas de normalização de procedimentos, tarefas de vital importância num sistema de armas com múltiplos sistemas de pontaria e diferentes munições, capazes de bater um alvo com grande precisão a 3000 metros.

O IAT supervisa todas as tarefas de normalização de procedimentos realizadas pelas guarnições, guardando para si a execução das que implicam grande precisão e complexidade técnica.

Seguindo a pirâmide, encontramos os níveis de instrução apontador-guarnição e treino de secção. Nestes níveis, as missões dos IAT são as seguintes:

– Operação dos meios técnicos de apoio (simulador de torre, simulador de duelo, etc.);

Revista "Jane's International Defense Review"

Em Fevereiro de 2003 a revista *Jane's International Defense Review (Jane's IDR)* publicou em suplemento, no âmbito de viaturas militares, algumas particularidades destas e as quais suscitaram um certo interesse. Não se tratam de artigos, mas sim de especificações e informações técnicas suplementares relativas a viaturas blindadas de rodas e de lagartas. As viaturas que a seguir se descrevem são exclusivamente de rodas:

- MOWAG Piranha IV (p 13 da edição)
- Patria AMV (p 18 da edição)
- Patria XA-200 (p 18 da edição)
- Steyr-Daimler-Puch Pandur (p 21 da edição)
- Steyr-Daimler-Puch Pandur II (p 22 da edição).



MOWAG Piranha IV

A Mowag desenvolveu a 8x8 Piranha IV com múltiplos propósitos (principalmente para exportação), ficando o primeiro protótipo completo em 2001 e o segundo em 2003.

A Mowag está a comercializar a última versão Piranha IV em paralelo com a mais recente Piranha III, também construída no Canadá e nos EUA.

Comparada com viaturas anteriores, a Piranha IV tem um grau de blindagem superior devido à sua combinação modular, podendo ser alterada para satisfazer os diversos requisitos dos utilizadores. Tem também um grande volume interno, pneus mais largos e pode ser equipada com um motor a diesel

ASP ALUNO CAV PAULO FERNANDES
Academia Militar.

mais potente (Caterpillar ou MTU), para responder aos parâmetros standard de emissão EURO3.

A Piranha IV sem torre é completamente aerotransportada num C-130 Hercules, mas necessita de escoras. Com o tipo de blindagem mais pesada e uma torre para duas pessoas e canhão de 30mm, o seu peso está acima das 25ton.

O equipamento standard inclui um sistema digital de informação veicular, suspensão semi-activa, um sistema central de enchimento de pneus e direcção assistida. Um leque de equipamento opcional está disponível, incluindo um sistema defensivo NBQ (Nuclear, Biológico e Químico), um sistema de ar condicionado, um aquecedor, um guincho e controlo de tracção.

A actual Alvis Vickers detém uma licença para comercializar a Piranha IV em mercados seleccionados, incluindo a África do Sul e o Reino Unido.

Especificações:

Guarnição: 3+8

Armamento: Depende da missão

Peso de combate: 25ton*

Potência: 22cavalos/ton*

Motor: Caterpillar ou MTU a diesel desenvolvendo 544 cavalos, ligado a uma transmissão ZF modelo 7HP902 automática

Comprimento: 7,24m

Largura: 2,80m

Altura: 2,20m (até ao topo do casco)

Vel. Max.: 100 Km/h

Alcance: 750Km

Aerotransportada: C-130 Hercules*

* Depende da missão.

Estado da produção

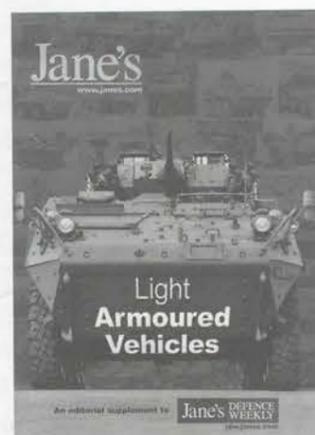
Protótipos. Ainda não em produção (em 2003)

Produtores

MOWAG Motorwagenfabrik AG, Kreuzlingen, Suíça

PATRIA AMV

A Patria desenvolveu um novo AMV (Armoured Modular Vehicle) baseado no seu já experimentado design, desenvolvendo e produzindo a série XA 6x6 APC (Armoured



Personnel Carrier - VBTP). O primeiro protótipo ficou completo no fim de 2001 e foi desenvolvido em associação com a Força de Defesa Finlandesa (FDF - Finnish Defence Force).

A Patria Vehicles está agora a produzir duas pré-produções AMV para a FDF e a concluir no fim do ano. Uma das viaturas será equipada com uma torre da Delco Systems. Ambas serão armadas com um canhão MK44 30/40mm da ATK Gun Systems Company.

Existe uma considerável flexibilidade no design da Patria AMV e os potenciais clientes terão várias versões à escolha, baseadas em três variantes: o modelo básico, plataforma de sistema e transportador modular. Um vasto leque de opções de motor e transmissões estará também disponível bem como diferentes níveis de protecção. Está também projectado um modelo 6x6.

Entrando numa competição nos finais de 2002, a AMV da Patria foi escolhida por satisfazer melhor os requisitos do Exército Polaco e aguarda-se um contrato de fornecimento de 690 viaturas durante um período de 10 anos. A maioria destas será fabricada na Polónia, onde haverá, certamente, inúmeras variações. O modelo viatura de combate de infantaria será equipado com uma torre Mclara e um canhão 30mm MK44 acoplado.

Especificações:

Guarnição: 1+9

Armamento: Depende da variante

Peso de combate: 24ton*

Potência: 22,33cavalos/ton*

Motor: A diesel, desenvolvendo 335-536 cavalos, ligado a uma transmissão automática

Comprimento: 7,3m

Largura: 2,9m

Altura: 2,3m (até ao topo do casco)

Vel. Max.: 100-120 Km/h



Alcance: 800Km

Aerotransportada: C-130 Hercules (dependendo do peso da viatura)

* Depende das armas acopladas.

Estado da produção

Protótipos. Ainda não em produção (em 2003)

Produtores

Patria vehicles Oy, Hämeenlinna, Finlândia



PATRIA XA-200

A Patria Vehicles desenvolveu o primeiro modelo das séries 6x6 XA APC (Armoured Personnel Carrier - VBTP) no início dos anos 80. Desde então, a viatura tem sido continuamente desenvolvida.

O modelo mais recente é a série XA-200, vastamente utilizada para Operações de Apoio à Paz. Mais de 1000 viaturas foram construídas até à data e a produção está para durar até pelo menos 2005.

A viatura é normalmente armada com uma metralhadora 12,7mm. Contudo, uma vasta gama de torres e sistemas de armas podem ser acoplados, existindo muitas versões especializadas, incluindo: radar de defesa aérea, míssil terra-ar e porta morteiros. Este inclui o sistema duplo AMOS de 120mm que também pode ser acoplado à Patria AMV.

As viaturas da produção original eram completamente anfíbias, sendo conduzidas pela água e por dois propulsores montados na retaguarda da viatura. As viaturas mais recentes, com maior grau de blindagem, não são anfíbias.

O equipamento standard inclui direcção assistida e um guincho. Um vasto leque de equipamento pode ser adoptado, incluindo um sistema defensivo NBQ e diferentes tipos de blindagens. As torres até 30mm podem ser também acopladas.

Especificações:

Guarnição: 3+8

Armamento: 1 x 12,7mm M2

Peso de combate: 22ton*

Potência: 13,4 cavalos/ton*

Motor: Valmet 612DWIB1 de 6 cilindros a diesel desenvolvendo 295 cavalos, ligado a uma transmissão automática MD 3560PR

Comprimento: 7,45m

Largura: 2,95m

Altura: 2,6m

Vel. Max.: 90 Km/h

Alcance: 800Km

Aerotransportada: C-130 Hercules

Estado da produção

Em produção. Em serviço na Finlândia, Ir-

landa, Holanda (Exército e Marines), Noruega e Suécia.

Produtores

Patria vehicles Oy, Hämeenlinna, Finlândia



STEYR-DAIMLER-PUCH PANDUR

A Steyr-Daimler-Puch Spezialfahrzeug desenvolveu originalmente a Pandur 6x6, como uma APC (Armoured Personnel Carrier - VBTP) e que pudesse ser utilizada como base para uma vasta gama de versões especializadas.

Enquanto a Pandur original está armada com a 12,7mm, esta pode ser equipada com vários sistemas de armas, incluindo uma torre para 2 homens e armada com um canhão de 25mm ou 30mm, bem como uma torre para 2 homens armada com uma peça de 90mm. Versões especiais estão também disponíveis, como a ambulância, o PC (Posto de Comando), o porta morteiros, o anti-carro, a reparação e recuperação.

Uma versão anfíbia com bóia está também disponível. Esta utiliza dois jactos de água, um de cada lado do casco na retaguarda, para propulsão.

O equipamento standard inclui sistemas que permitam ao condutor ajustar a pressão dos pneus ao tipo de terreno.

Vários equipamentos são opcionais, como sistemas de defesa NBQ, ar condicionado, blindagem adicional, equipamento de visão nocturna, um sistema de navegação terrestre e o sistema de controlo de condução. Desenvolvimentos posteriores resultaram na Pandur II, comercializada em versões 6x6 e 8x8 (ver viatura seguinte).

Especificações:

Guarnição: 2+8

Armamento: Desde a 12,7mm M2 até à 90mm

Peso de combate: 13,5ton*

Potência: 19,25cavalos/ton*

Motor: Steyr WD 612.95 a diesel de 6 cilindros desenvolvendo 260 cavalos, ligado a uma transmissão totalmente automática Allison MT-653 DR

Comprimento: 5,697m

Largura: 2,5m

Altura: 1,82m (até ao topo do casco)

Vel. Max.: 100 Km/h

Alcance: 700Km

Aerotransportada: C-130 Hercules

Estado da produção

Em produção. Em serviço na Áustria, Bélgica, Kuwait, Eslovénia e os EUA.

Produtores

Steyr-Daimler-Puch Spezialfahrzeug AG&Co KG, Austria



STEYR-DAIMLER-PUCH PANDUR II

Cinco países adquiriram a original Steyr-Daimler-Puch 6x6 APC. Desenvolvimentos posteriores da viatura resultaram na Pandur II, que está a ser comercializada em 6x6 e 8x8.

Os primeiros protótipos da Pandur II ficaram prontos em 2001. Suspeita-se que actuais clientes adquiram a anterior Pandur, enquanto que novos clientes provavelmente optem pela Pandur II, pelas suas grandes capacidades e o motor a diesel Cummins ser mais potente.

A Pandur 6x6 pode ser equipada com vários tipos de armamento até 90mm, enquanto que a maior 8x8 pode ser armada com calibres na ordem dos 105mm. Ambas viaturas apresentam cerca de 90% de componentes comuns (para redução de custos). O primeiro exemplar da Pandur II 8x8 é completamente anfíbio, propulsado por dois jactos de água na retaguarda do casco.

O equipamento habitual inclui: direcção assistida; suspensão independente; um sistema de insuflação dos pneus; um sistema ABS, um sistema detector de incêndios e supressão de fogo; um sistema de controlo automático de condução; e um guincho de auto-recuperação.

Especificações:

Guarnição: 2+12 (8x8); 2+10 (6x6)

Armamento: Depende da missão

Peso de combate: 20ton (8x8); 15,5ton (6x6)

Potência: 20,25cavalos/ton (8x8); 26,13cavalos/ton (6x6)

Motor: Cummins ISL a diesel de 6 cilindros desenvolvendo 405 cavalos, ligados a uma transmissão automática ZF 6HP602 C

Comprimento: 7,43m (8x8); 6,45m (6x6)

Largura: 2,67m (8x8); 2,67m (6x6)

Altura: (sem torre) 2,08m (8x8); 2,08m (6x6)

Vel. Max.: 100 Km/h (8x8); 100 Km/h (6x6)

Alcance: 600Km (8x8); 600Km (6x6)

Aerotransportada: C-130 Hercules (8x8 e 6x6)

Nota: O peso e a altura dependem da missão e do armamento

Estado da produção

Viaturas protótipos em teste.

Produtores

Steyr-Daimler-Puch Spezialfahrzeug AG&Co KG, Vienna, Austria

Livro

"Cavaleiros Negros

– A ofensiva sangrenta sobre Bagdad."

Sem ser uma obra-prima da literatura, "Os Cavaleiros Negros" são um relato cru, realista e simultaneamente emotivo das experiências vividas por um jornalista do *Daily Telegraph* junto de uma unidade americana durante a operação "Iraqi Freedom". Oliver Poole descreve-nos de uma forma directa, a sua vivência junto do 1º Batalhão do 15º Regimento de Infantaria da 3ª Divisão de Infantaria Mecanizada americana, desde que se "apresentou" em Fort Dix, New Jersey, onde recebeu a instrução sobre protecção biológica e química, passando pela sua integração no esquadrão blindado na Zona de Reunião, até à tomada de Bagdad. Este Agrupamento blindado apelidado de "Cavaleiros Negros" foi uma das primeiras unidades americanas a entrar no Iraque na madrugada do dia 22 de Março, tendo igualmente constituído a vanguarda das forças americanas que abriram caminho através das unidades da Guarda Republicana, até à tomada da capital iraquiana.

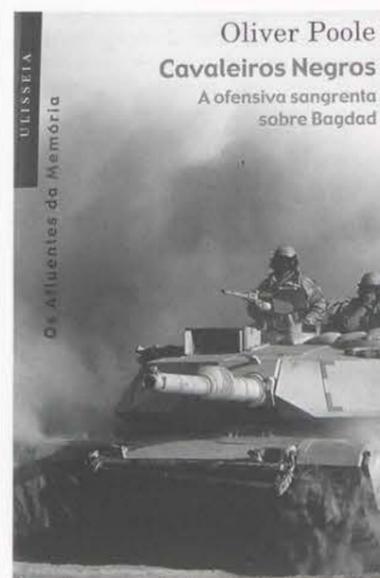
Livre de um pacifismo retórico, muito comum nos media dos dias de hoje, ou de um belicismo exasperante, este livro é acima de tudo uma viagem através dos medos e anseios, sonhos e esperanças do autor, assim como de todos aqueles que privaram com ele durante os cerca 30 dias em que esteve integrado nesta Unidade. Através deste relato, o autor procura

apresentar-nos o sentimento americano após o 11 de Setembro, dando voz àqueles que materializam no terreno a política de resposta ao terrorismo. Confinado ao horizonte da sua Unidade, este jornalista descreve de forma apelativa as diferentes experiências por que passou, permitindo-nos partilhar cada uma das suas sensações, quer nos momentos de maior tensão, quer nos períodos de maior descontração.

O início do conflito, a batalha pelo controlo do aeroporto de Tallil no caminho para Nassiria, os primeiros confrontos, as primeiras baixas, a surpresa da resistência iraquiana e a tomada de Bagdad, são marcos importantes desta narrativa e que nos revela a verdadeira dimensão do conflito e contradição de sentimentos que se geram numa guerra.

Apesar de se verificarem algumas incorrecções resultantes de uma tradução demasiado literal – é nos aspectos técnico-militares que essa deficiência mais se acentua –, esta é uma obra que se aconselha a todos os militares, em especial aos cavaleiros, pois muitos dos sentimentos destes carristas americanos são comuns a todos nós, militares de cavalaria, e que se podem traduzir pela seguinte passagem: "(...) a companhia era

sobretudo constituída por tripulações de tanques [carros de combate] – «tanker» na linguagem militar americana – e o orgulho destas provinha dos seus carros e da sua aptidão em manobrá-los em combate. Eles dependiam dos tanques [carros de combate] para proteger as suas vidas e o seu comportamento em relação a eles assemelhava-se ao de um dono em função do seu animal favorito. As tripulações podiam dar um nome ao carro, falavam com ele, encorajando-o, quando tentavam passar por um terreno mais difícil. Para elas, o grande arrepijo de emoção – o pagamento por tanto tempo de condução e treino – residia na oportunidade de disparar a arma principal do Abrams. Quando o sistema de disparo era accionado, a força da explosão abanava o tanque [carro de combate] e a atmosfera enchia-se com o cheiro de cordite. (...) Logo a seguir, não paramos de tremer, excitados. Nenhum deles conseguia exprimir suficientemente quanto eles adoravam os momentos em que entravam em acção." ■



CAVALEIROS NEGROS – A OFENSIVA SANGRENTA SOBRE BAGDAD

Oliver Poole, Editora Ulisseia, Coleção Os Afluentes da Memória, Lisboa, 2004, Depósito Legal nº 209 039/04, 274 pp.

CAPCAV SÉRGIO PAULO SANTOS RL2.

Livro

"The Sling and the Stone."

The Sling and The Stone ("a funda e a pedra", numa referência ao armamento de David para derrotar Golias) é o título de uma obra escrita por um Coronel no activo do Corpo de Fuzileiros Navais Norte-Americanos e foi publicada no início do mês de Outubro, tendo por assunto a Guerra no século XXI. Trata-se do culminar de vinte e nove anos de serviço em que, por diversas vezes, em pós-graduações ou em cursos como o *National Defence College of Canada*, o autor estudou o fenómeno da insurreição. É pois sobre a temática da insurreição que se debruça, mas numa versão mais refinada e designada por Quarta Geração da Guerra (*Fourth Generation War – 4GW*).

O que é então a 4GW? Como todas as outras formas de guerra, também procura mudar a posição política do adversário usando todos os sistemas de armas à disposição. Mas usa não só os sistemas de armas, como todas as redes – políticas, económicas, sociais e militares – para convencer os decisores políticos inimigos que os seus objectivos estratégicos não são alcançáveis ou são demasiado onerosos para os benefícios previstos. Tal como todas as outras formas de guerras, também reflecte a sociedade de que faz parte e a evolução em consonância com ela. Trata-se de uma forma evoluída da insurreição, ou seja, segue a linha de orientação de que uma vontade política superior,

devidamente aplicada pode derrotar potências económicas e militares mais poderosas. Ao contrário de todas as outras formas de guerra, esta não pretende vencer pela derrota das forças militares inimigas, mas sim, através de redes atacar a mente dos decisores políticos inimigos e destruir-lhes a vontade política. As guerras de quarta geração são por isso longas no tempo – medidas em décadas e não em anos.

Trata-se de um modelo sistematizado por Bill Lind e Gary Wilson que, juntamente com outros co-autores num artigo na revista *Marine Corps Gazette* (Outubro 1989) identificaram três gerações anteriores no período moderno da guerra: a 1ª geração, que reflectia a tática da linha e da coluna, consequência da tecnologia e das transformações sociais da revolução francesa; a 2ª geração, que fora uma evolução da primeira em consequência dos melhoramentos qualitativos e quantitativos do armamento disponível e tivera o seu apogeu na Primeira Guerra Mundial; a 3ª geração, caracterizada pela manobra operacionalizada durante a Segunda Guerra Mundial com a crescente valorização das comunicações sem fios, do carro de combate, do avião, etc.. É pois com base neste modelo que o autor se lança para se concentrar na 4GW e provar ser este o tipo de guerra para o qual as forças

armadas do seu país, e da sociedade em geral, dever-se-ão preparar.

O autor concentra-se ao longo dos primeiros três capítulos na abordagem das três primeiras gerações da guerra, para concluir o seguinte: primeiro, nenhuma destas gerações consistiu numa transformação repentina, mas sim numa evolução ao longo do tempo; segundo, cada nova geração requereu desenvolvimentos em todo o espectro da sociedade (ao nível político, económico, social e tecnológico); terceiro, que é observável uma progressão lógica ao longo daquelas gerações nos objectivos no sentido da retaguarda dos adversários: a primeira, concentrada na destruição das forças em contacto próximo; a segunda, mercê dos alcances do apoio de fogos alarga a destruição às forças combatentes; a terceira, tira proveito da evolução técnica para destruição do comando e controlo, e ainda da logística como a forma mais

The Sling and The Stone

ON WAR IN THE 21st CENTURY



COLONEL THOMAS X. HAMMES, USMC

"Understanding the type of war you are fighting is the first step to winning. This book will help you understand."
— General Anthony Zinni, USMC (Ret), former CENTCOM commander

The Sling and The Stone, Col. Thomas X. Hammes, USMC, Zenith Press, USA, 2004, ISBN 0-7603-2059-4, pp 321.

MAJCAV JOSÉ MIGUEL FREIRE IAEM.

rápida de destruir a vontade de combater do inimigo. Mantendo-se a tendência para caminhar no sentido da profundidade do inimigo, então a quarta geração deverá procurar a destruição ainda mais na sua profundidade. É através de alguns *case studies* que o autor tenciona provar que a profundidade a atingir directamente, é a vontade política dos decisores políticos.

Antes de avançar para os *case studies*, o autor concentra o quarto capítulo na identificação das transformações actuais na sociedade. O Coronel Hammes salienta alguns aspectos: a perda de importância do estado-nação, o simultâneo incremento do seu número em termos mundiais e o aparecimento de actores não estatais. Sobre estes, ele releva os mercados financeiros internacionais, considerando-os actores internacionais mais poderosos e menos controlados. Destaca também a globalização, a facilidade das comunicações e o conhecimento como matéria-prima, moldando as actividades económicas e financeiras (que fazem com que a propriedade de uma empresa possa estar distribuída por todo o mundo, tendo pouco interesse nas necessidades políticas da nação mãe de que é origem). Releva ainda que os cidadãos dos países mais evoluídos não se limitam a viver num estado-nação hierarquizado, mas sim numa comunidade internacional em rede.

O autor argumenta que a Guerra evoluiu neste sentido, materializado de forma exemplar pelos ataques de 11 de Setembro de 2001 (EUA) e 11 de Março de 2004 (Espanha), em que o conhecimento necessário à sua execução é desenvolvido num país, depois é combinado com pessoal, material e treinos disponíveis noutros países (incluindo o país alvo), para criar uma

arma no país alvo.

Os casos que o autor apresenta são interessantes e abordam uma forma diferente de os interpretar. Atribui a Mao Tse-Tung a criação do conceito da 4GW, analisando de forma concisa, mas objectiva, o conceito revolucionário e a forma como conduziu toda a “campanha”, desde a Longa Marcha até à conquista da capital, Beijing, em 1949 (capítulo 5). Para identificação das características da 4GW, analisa em seguida a Modificação Vietnamita (capítulo 6), o Refinamento Sandinista (capítulo 7), a primeira Intifada (capítulo 8) e a Intifada Al-Aqsa (capítulo 9).

Em todos estes casos é notório que as acções militares contra um adversário de 4GW só fazem sentido se contribuírem para o objectivo político do governo. A tendência para a contagem das baixas ou o controlo físico de determinadas regiões não têm significado. O que importa é saber se as acções afectam a força política dos combatentes.

Nos capítulos 10, 11 e 12 o autor analisa, respectivamente: a Al-Qaeda, como um inimigo transnacional; o Afeganistão como uma *network* tribal; e o Iraque, *big-tech* versus quarta geração.

Depois, no capítulo 13, concentra-se em provar que a tecnologia não é nenhuma panaceia, que não se traduz numa vantagem devido à actual organização das forças armadas e ao tipo de ameaça que se enfrenta. O seu alvo de crítica é o Departamento de Defesa (DOD), a quem acusa de se iludir pelas capacidades tecnológicas associadas a ideias como a JV 2020, a *Network-Centric Warfare* e o *Transformation Planning Guidance*, para poder obter uma compreensão quase perfeita do campo de batalha, precisamente

quando tal não acontece nos teatros de operações do Afeganistão e do Iraque.

No capítulo 14 identifica as características da 4GW ao nível estratégico, operacional e tático.

Nos últimos três capítulos, num misto de espírito de missão e filantropia que caracteriza os oficiais no activo das forças armadas americanas e que se comprometem com a publicação de livros, o Coronel Thomas Hammes propõe importantes linhas de orientação no sentido da sua nação e forças armadas, bem como outras agências governamentais, se adaptarem à 4GW.

Consideramos este livro de leitura obrigatória para os militares em geral ou quem se debruce sobre o fenómeno do conflito armado, seja ele nas cidades do Iraque ou nas operações de apoio à paz espalhadas pelo mundo. Podemos enunciar algumas características que o tornam de vital importância:

– o modelo adoptado pelo autor pode ser questionado na sua sistematização, mas não deixa de caracterizar de forma objectiva o denominador comum de conflitos que se sucedem há mais de cinquenta anos e que algumas potências europeias e os Estados Unidos insistem em esquecer;

– as linhas de acção propostas pelo autor, podendo não constituir a solução, dão um contributo importante para forças armadas em transformação;

– porque, afinal de contas, a guerra que os Portugueses travaram em África foi, segundo o modelo do autor (e como ele próprio afirma), uma guerra de 4GW, ou seja, implicitamente releva o património doutrinário e de experiência feita que têm as Forças Armadas Portuguesas. ■

Livro

“Inside Centcom. The unvarnished truth about the wars in Afghanistan and Iraq.”

CentCom é o acrónimo de *Central Command*. Na estrutura militar norte-americana, é um comando regional dedicado a observar uma parte específica do mundo que inclui o Médio Oriente, a África Oriental e a Ásia Central, englobando um total de 25 países. Está localizado na base aérea de MacDill em Tampa, no estado da Florida. Os comandos regionais têm como função providenciar segurança para as regiões que lhes estão atribuídas, desencorajar hostilidades, equilibrar a presença militar com diplomacia e certificar-se que a ajuda externa vai para onde supostamente deva ir. O CentCom foi formado em 1980, depois da queda do Xá do Irão e a ascensão do islamismo radical apoiado por Khomeini.

Não foi o título, mas sim o subtítulo do livro que me chamou à atenção. *The unvarnished truth about the wars in Afghanistan and Iraq* (a verdade nua e crua acerca das guerras do Afeganistão e Iraque) escrito em co-autoria pelo “deputy” do CentCom, um General de três estrelas do Corpo de Fuzileiros Navais Norte-Americanos era, sem dúvida, muito promissor. Mas confesso que fiquei desiludido. Não se tratava afinal da “verdade nua e crua”, mas sim da verdade oficial – ainda que na forma de um testemunho honesto (acredito eu!

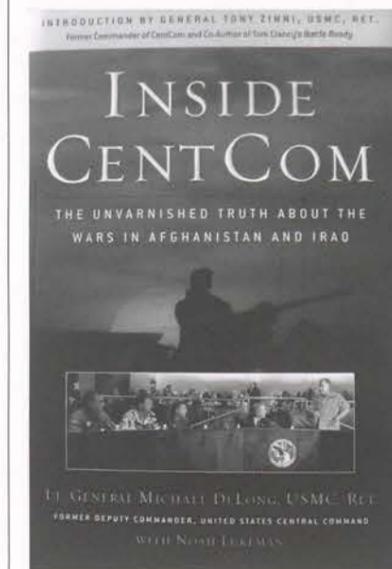
MAJCAV JOSÉ MIGUEL FREIRE
IAEM.

do segundo elemento mais importante da cadeia de comando do CentCom.

No primeiro capítulo, “Welcome to CentCom”, os autores dão-nos as boas vindas ao CentCom, falando-nos das origens recentes deste Comando Regional e como está organizado de uma forma geral. No entanto existem aspectos interessantes, como por exemplo: saber que o General Tony Zinni (anterior Comandante ao General Tommy Franks) era mais sociável, mas também um decisor mais solitário. Usava o seu Estado-Maior numa base *freelancer* em que cada departamento lhe submetia a informação, processava-a e tomava sozinho as decisões. Por outro lado, o General Franks, com uma personalidade autocrática, era um líder comunal, pretendendo a análise da informação e decisão tomadas em conjunto com o seu Estado-Maior. Tudo mudou com o ataque ao *USS Cole* no porto de Aden, no Iémen, a 12 de Outubro de 2000, passando a haver uma análise mais cuidada das informações, alteração das medidas de protecção da força e das regras de empenhamento específicas para esta área do globo. No entanto, os autores empenham-se numa justificação subjacente para a imprevisibilidade do ataque do 11 de Setembro. Assim, o autor argumenta, justificado pelo carácter frustrantemente generalista das informações recebidas, a incapacidade de prever o “onde” e

o “como” de um *big hit* que o tráfego de mensagens da al-Qaeda deixava transparecer como iminente. Na altura, o CentCom assumiu que seria no Médio Oriente.

Nos capítulos seguintes “September 11” e “The war in Afghanistan”, o autor transporta-nos para toda a azáfama do dia 11 de Setembro e principalmente para a preparação da coligação que viria a ser determinante na condução da Guerra do Afeganistão. O livro chega a ser cativante quando descreve o relacionamento dos americanos com os Senhores da Guerra Afegãos (chegando a ser de um pragmatismo quase assustador), o relacionamento com o Paquistão



INSIDE CENTCOM. THE UNVARNISHED TRUTH ABOUT THE WARS IN AFGHANISTAN AND IRAQ. Lt. General Michael DeLong e Noah Lukeman, Regnery Publishing, Inc., Washington DC, 2004, ISBN 0-89526-020-4, pp.222.

no meio de uma crise com a Índia e as acções de operações especiais no Afeganistão monitorizadas em tempo real com imagens proporcionadas por satélites e UAV (aeronaves não-tripuladas).

No quarto capítulo, "Building to H-Hour", podemos ter uma ideia da preparação para as operações no Iraque e que estas constituíram um horizonte previsível logo após o 11 de Setembro. O autor dá ênfase na construção e manutenção da coligação de países que vinha da Guerra no Afeganistão e que não se pretendia prejudicar com a operação no Iraque. O autor não esconde a opção de usar exercícios militares na região do Médio Oriente como pretexto para transportar tropas e equipamentos para a região. Da concepção da operação é perceptível que a flexibilidade foi uma preocupação determinante ao ponto de poderem atacar primeiro por terra ou pelo ar, ou em simultâneo.

No quinto capítulo podemos ler mais uma descrição da operação *Iraqi freedom*. De relevo fica a forma problemática de lidar com os media, principalmente com os comentadores militares. Nesta matéria o autor sai sempre em defesa da sua cadeia de comando, criticando os *armchair generals* na reserva que se foram lançando no negócio dos comentários da guerra. Lidar com o impacto que estes comentários tinham na opinião pública, levou o Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas a pedir aos Chefes dos ramos que pedissem aos generais na reserva para serem mais responsáveis nos comentários (deduz-se que alguns deles estariam a comentar com base em conhecimentos classificados).

O sexto e último capítulo, "Iraq: the Aftermath", poderia ser

o mais interessante, mas é o mais intrigante.

O pós-guerra é visto pelos olhos do Tenente General DeLong já na reforma e ao serviço numa multinacional a trabalhar no Iraque. No entanto, não deixa de se constatar que, preto no branco, ao contrário da guerra planeada de forma detalhada, o pós-guerra seja um improviso quase alucinante.

Por exemplo, só depois de serem dadas por terminadas as operações de grande envergadura é que o poder político estava a equacionar como se deveria lidar com o partido Ba'ath. Neste capítulo, o autor ainda aborda algumas questões quentes, como os abusos nas prisões, as razões para a situação de insegurança e a questão das armas de destruição maciça, as quais, ainda acredita, puderem vir a ser descobertas.

O livro não deixa de ser interessante, ao permitir uma leitura que sensibiliza para o nível estratégico da potência hegemónica e por isso

ficar completamente fora da nossa realidade. No entanto, como se referiu logo no início, o livro deixa muito a desejar e não passa de mais uma perspectiva (muito) oficial de tudo o que se passou. Há um compromisso – decorrente da função do autor – no "como as coisas decorreram".

Existe um outro ponto que também não favorece a obra. Das 212 páginas que o livro engloba, 72 páginas, ou seja, um terço do livro diz respeito a apêndices. À excepção do primeiro, que é a declaração do General Tommy Franks à *United States House Of Representatives* a 10 de Julho de 2003 sobre a operação *Iraqi freedom*, e do segundo, que parece ser uma compilação de slides de powerpoint usados para briefings do CentCom, os restantes dois são documentos estratégicos oficiais dos Estados Unidos da América. Por outras palavras um terço da "verdade nua e crua" são documentos oficiais!■

O pós-guerra é visto pelos olhos do Tenente General DeLong já na reforma e ao serviço numa multinacional a trabalhar no Iraque. No entanto, não deixa de se constatar que, preto no branco, ao contrário da guerra planeada de forma detalhada, o pós-guerra seja um improviso quase alucinante.

Por exemplo, só depois de serem dadas por terminadas as operações de grande envergadura é que o poder político estava a equacionar como se deveria lidar com o partido Ba'ath. Neste capítulo, o autor ainda aborda algumas questões quentes, como os abusos nas prisões, as razões para a situação de insegurança e a questão das armas de destruição maciça, as quais, ainda acredita, puderem vir a ser descobertas.

O livro não deixa de ser interessante, ao permitir uma leitura que sensibiliza para o nível estratégico da potência hegemónica e por isso ficar completamente fora da nossa realidade. No entanto, como se referiu logo no início, o livro deixa muito a desejar e não passa de mais uma perspectiva (muito) oficial de tudo o que se passou. Há um compromisso – decorrente da função do autor – no "como as coisas decorreram".

Livro "Moçambique 1895 – A Campanha de Todos os Heróis".

Decorreu em 29 de Setembro de 2004, no Museu Militar, a cerimónia de lançamento do livro "Moçambique 1895 – A Campanha de Todos os Heróis", do autor Professor Doutor António José Telo.

O prestigiado autor explica com muita clareza aquilo que na época, imediatamente após a Conferência de Berlim (1884-85) e o "Ultimatum" inglês (1890), estava em jogo: "a manutenção do território que ia do Rovuma ao Maputo sem divisões e sob administração portuguesa". A vitória militar portuguesa não seria suficiente nem terá sido, porventura, a principal frente de combate que, na opinião do autor, residiu na frente diplomática desenvolvida pelo Marquês de Soveral, em Londres, e pelo rei D. Carlos, a nível interno. "A eventual derrota militar portuguesa não deixaria no entanto de ser uma excelente oportunidade a aproveitar pelos poderes europeus para estes tomarem a iniciativa de ocupar o terreno, sabendo-se que a zona sul do Zambeze cairia para a Inglaterra e a zona a norte deste rio compensaria a Alemanha, não sendo totalmente claro qual a fatia que iria caber à França, recém chegada à região". Todos estes países europeus, com maior ou menor discrição, apoiaram as forças nativas com meios financeiros, materiais e até humanos para que a nossa derrota fosse uma realidade. É um facto com o qual estou em absoluto acordo que, como nos diz o Doutor António Telo, a Inglaterra preferiria que Moçambique ficasse em mãos portuguesas, isto é

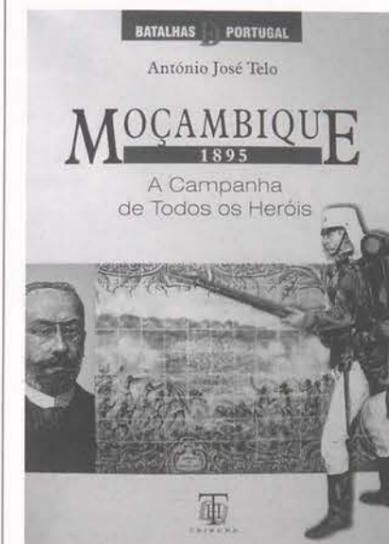
TGEN SOUSA PINTO
Presidente da Comissão Portuguesa de História Militar.

em mãos aliadas e, segundo julgavam, facilmente domináveis, em vez de ficar em mãos alemãs ou francesas. Daí a posição do governo inglês a partir do acordo de 1891, enquanto a rainha ia mantendo, apesar disso, relações amigáveis com o rei dos vátuas de que é prova a taça de prata capturada por Mouzinho em Chaimite, e ainda hoje pertença dos seus herdeiros, com a legenda esculpida "To Gungunhana From Queen Victoria". Mas é também para mim indiscutível que na mesma Inglaterra havia forças que, como em muitas outras ocasiões, faziam "jogo duplo", apostando também na hipótese contrária. Basta lembrar o armamento distribuído aos vátuas por Cecil Rhodes, obviamente obtido através dessas forças. Na realidade, muito mais do que os vátuas ou os landins, os nossos verdadeiros inimigos nesta campanha eram europeus, principalmente ingleses, alemães e franceses, mas também os que, em África, por eles eram apoiados, como os Boers e a "British South African Company" de Cecil Rhodes. É fundamental perceber isto para compreender toda a campanha, e o Doutor António Telo consegue realmente que, com facilidade, o leitor de tal se aperceba.

O capítulo "Organização e Armamento Português" é de uma clareza na exposição exemplar sendo, em minha opinião, muito interessante, mesmo para os mais consagrados especialistas na matéria, pelo importante conjunto de informação que nele se contém. Sabendo nós que o autor é grande especialista, com obra publicada e já consagrada no campo do armamento, contudo, porque sou militar de profissão e porque estou

certo de que o Doutor António Telo me desculpará esta referência, não posso deixar de reparar em alguns pormenores de linguagem em que os termos militares são aplicados menos correctamente. Assim sendo, não é correcto dizer-se (como está na página 21) que as unidades regulares indígenas dispunham de "praças/cabos negros e sargentos/oficiais brancos", transformando-se o termo "praças" em sinónimo de "soldados", o que não corresponde à realidade militar de então nem sequer à de hoje.

Mas não fica atrás do anterior o capítulo sobre "Organização, Táticas e Armamento dos Regulados" pois o autor entra no pormenor da orgânica, das formações de combate e do uso do armamento de que dispunham estes regulados sem esquecer as facilidades e dificuldades logísticas que se lhes punham, levando o leitor a visualizar com precisão a sua actuação e a poder assim perceber muito melhor as descrições dos combates que até agora se podiam ler nas me-



mórias escritas por quem viveu tais combates.

E também, o capítulo referente às "Táticas e Técnicas Portuguesas" não desmerece o que vimos dizendo. Começa o autor por nos lembrar que as primeiras instruções para o Serviço de Campanha foram escritas por Ayres d'Ornelas no decorrer da viagem, de cerca de um mês, entre a Metrópole e Moçambique e em que "não aplicou o que aprendeu na Escola do Exército, onde nem se falava em campanhas coloniais", confessando ter-se inspirado fundamentalmente em autores ingleses sobre as guerras contra os zulus, terminando o autor por sintetizar magistralmente essas instruções.

Depois entra-se na descrição das "Campanhas Militares" propriamen-

te ditadas, com capítulos específicos para as de "Marracuene" e respectiva exploração do sucesso, de "Gaza", de "Coolela" e, finalmente, para a acção de "Chaimite" que encerra esta "Campanha de Todos os Mítos e de Todos os Heróis", como lhe chama o autor que, em todos estes capítulos, consegue descrever a acção das forças em presença com grande simplicidade e clareza e, ao acompanhar tais descrições com mapas tridimensionais e grande quantidade de iconografia, quase nos faz viver os acontecimentos de forma virtual.

Posto isto, fica claro não estarmos perante um trabalho que se limita a fazer a história da campanha militar de 1895 em Moçambique, estamos sim perante um trabalho muito mais completo e interessante no qual o seu

autor analisa essa campanha à luz dos modernos conceitos da história militar, sob os aspectos político diplomático, económico e social no contexto internacional e nacional, para além de apresentar as concepções estratégicas, táticas e orgânicas das forças em presença incluindo até, com algum pormenor, as características dos armamentos respectivos. E faz tudo isto com uma linguagem acessível que torna a leitura fácil e muito agradável.

Trata-se, sem dúvida, de um trabalho que honra o seu autor porque, sendo escrito as pensar no cidadão comum, não só a este interessará mas também, estou certo, porque terá o maior interesse para os próprios conhecedores do tema.

A todos aconselho vivamente a sua leitura. ■



Caixa de Mafra

Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Mafra, CRL

CRÉDITO AGRÍCOLA

MOTOR DO DESENVOLVIMENTO RURAL DO CONCELHO

SEDE:

Terreiro D. João V - 2640-492 MAFRA
Telefs.: 261 811 195-261 911 945 / Fax: 261 814 832
Email: ccam.mafra@mail.telepac.pt

DELEGAÇÕES:

- AZUEIRA - Telef. 261 961 104 - Telef./Fax 261 961 394
- ENCARNAÇÃO - Telef. 261 855 120 - Telef./Fax 261 856 252
- PÓVOA DA GALEGA - Telef. 219 750 042 - Telef./Fax 219 750 279
- MALVEIRA - Telef. 219 661 597/8 - Telef./Fax 219 661 603



Escola Prática de Cavalaria



CICLO DE PALESTRAS DEDICADAS A MOUZINHO DE ALBUQUERQUE

A anteceder a tradicional Marcha a Cavalho à Batalha em homenagem ao "Patrono" da Arma de Cavalaria, decorreu na EPC, um ciclo de três Palestras dedicadas a Joaquim Mouzinho de Albuquerque, proferidas pelo Coronel de Infantaria na Reserva Américo Fernandes Henriques, Dr. Sanches Baena e Coronel de Artilharia na Reserva Pires Nunes, respectivamente nos dias 08, 16 e 30 de Junho passado.



A EPC NA XXIX FEIRA NACIONAL DO CAVALO E VI FEIRA INTERNACIONAL DO CAVALO LUSITANO

A Organização da tradicional Feira do Cavalo na Golegã, entendeu este ano homenagear a Escola Prática de Cavalaria (EPC), pelo seu papel preponderante no estudo e desenvolvimento de meios e técnicas em prol do cavalo, dedicando-lhe o passado dia 14 de Novembro, último dia da Feira.

Nesse âmbito, a EPC organizou uma exposição temática, com várias peças do Museu da Unidade, equipamento e viaturas. Para além da exposição e considerando a importância deste evento, foi efectuada uma apresentação histórica, subordinada ao tema "Origem, Evolução e Actualidade da Escola Prática de Cavalaria", na qual participaram trinta e quatro cavaleiros trajados e equipados a rigor.

Como sinal da evolução dos tempos, a essa apresentação juntaram-se alguns exemplares de Viaturas Blindadas de Reconhecimento.



ESTÁGIO DE EQUITAÇÃO

De 13 a 17 de Setembro de 2004, decorreu na EPC um Estágio de Equitação destinado a Cadetes-Alunos do 4º Ano do Curso de Cavalaria da Academia Militar.

O Estágio abrangeu diversas matérias como sejam: Limpeza e Tratamento de Solípedes; Teoria de Ensino, Obstáculos e Hipologia; Ginástica a Cavalho; Provas de Ensino e de Obstáculos e terminou com a realização do Exame de "Sela 4".



JURAMENTO DE BANDEIRA DOS SOLDADOS CADETES E INSTRUENDOS DO 2ºT/04/CFO/CFS

Realizou-se no dia 30 de Julho de 2004 na Escola Prática de Cavalaria, o Juramento de Bandeira do contingente nacional de Soldados Cadetes e Soldados Instruendos do 2ºT/04/CFO/CFS.

A Cerimónia foi presidida pelo Exmº 2º Cmdt do Governo Militar de Lisboa, MGEN José Martins Cabaça Ruaz.

MARCHA A CAVALO À BATALHA

No âmbito das Comemorações do Dia da Arma de Cavalaria, tiveram lugar, entre os dias 19 e 21 de Julho, dois importantes e tradicionais eventos: a "Marcha a Cavalho à Batalha" e a Cerimónia Militar dedicada ao "Patrono" da Arma de Cavalaria, Joaquim Mouzinho de Albuquerque.

A homenagem ao Patrono em 21 de Julho, através de Cerimónia Militar na Praça Mouzinho de Albuquerque, na Batalha, foi presidida pelo Ex.mo Director Honorário da

Arma de Cavalaria (DHAC), TGEN Durão Correia, e presenciada pelo Vice-Presidente da Câmara Municipal da Batalha, Oficiais Gerais oriundos da Arma de Cavalaria e centenas de batalhenses.

A Força a Cavalho, comandada pelo Comandante da EPC, CORCAV José Banazol, constituída por um Bloco de Estandartes da EPC, do RI. 2, do RC 3, do RC 4 e do Regimento de Cavalaria da GNR e por delegações das mesmas, num total de quarenta e três conjuntos, protagonizou a Cerimónia Militar.



PROVA MOUZINHO

A Escola Prática de Cavalaria (EPC), no âmbito da Prova de Confirmação Final do Curso de Formação de Sargentos do quadro permanente, realizou a Prova Mousinho no período de 06 a 09 SET04, no Campo Militar de Santa Margarida, constituída por um conjunto de estações de avaliação de âmbito prático.

SEMANA MILITAR

A EPC voltou a abrir as suas portas aos jovens da região de Santarém, para participarem nas V e VI Semanas Militares, no período de 05 a 09 de Julho e 13 a 16 de Setembro, respectivamente. Os eventos permitiram, uma vez mais, confirmar os bons resultados alcançados nas anteriores edições e perceber o impacto causado nos jovens participantes, constatado pelo entusiasmo, alegria e ânimo das suas reacções.





Regimento de Lanceiros n° 2

VII CONCURSO COMBINADO DE EQUITACÃO DO RL2

O Regimento de Lanceiros N°2 (RL2) realizou nos dias 18 e 19 de Junho o seu VII Concurso Combinado de Equitação (VII CCE), presidido pelo Exmo 2º Cmtd do GML, Sr. MGEN Ruaz. Este evento foi constituído por duas provas: dia 18 de Junho de 2004 Prova de Ensino; dia 19 de Junho de 2004 Prova de Obstáculos. A Prova de Ensino contou com a presença de 12 (doze) concorrentes e a classificação ficou ordenada da seguinte forma: 1º lugar SAJCAV GNR Caixinha, 2º lugar CAPCAV GNR S. Correia, 3º lugar ISARCAV GNR F. Gomes. Na prova de Obstáculos, as inscrições atingiram um número significativo e a classificação foi a seguinte: 1º lugar colectivo pertenceu à equipa da GNR, o 2º lugar à AM e o 3º lugar ao RL2.



1º PASSEIO BTT DO RL2

O Clube de Sargentos do RL2 organizou no dia 15 de Julho de 2004, um passeio de BTT ao longo de 20Km's, pelos trilhos do Parque Florestal de Monsanto.

Com a participação de 12 militares do Regimento, foram 2H e 30m de pura adrenalina. Do "cocktail" de subidas intermináveis, descidas arrepiantes, rectas curtas e alguns contactos menos desejáveis com o pó dos trilhos de Monsanto, com alguns arranhões à mistura, resultou um final de tarde bem passado e de convívio entre todos os que participaram.



APRESENTAÇÃO DO ESTANDARTE NACIONAL AOS MILITARES RV/RC 2004

No dia 23 de Junho de 2004 o RL2 realizou a Apresentação do Estandarte Nacional aos Militares do NSIE, RV/RC, que foram integrados nas fileiras no ano de 2004.

A cerimónia foi presidida pelo Exmo Cmtd do RL2, CORCAV Luís Miguel Correia David e Silva.

JURAMENTO DE BANDEIRA (JB) DOS MILITARES RV/RC 2004

O RL2 realizou no dia 02 de Julho de 2004, o Juramento de Bandeira (JB) dos militares do NSIE, com destino a RV/RC, incorporados em 2004.

Presidiu à Cerimónia o Exmo. 2º Cmtd do GML, MGEN Ruaz, tendo jurado bandeira na Unidade, militares do RL2, da EPI, da EMEL e do BISM.



PLANO DE TESTES E VERIFICAÇÕES A VIATURAS BLINDADAS 8X8

O RL2 recebeu em 19 de Julho de 2004, uma equipa composta por militares e civis, nacionais e estrangeiros, de diferentes ramos das Forças Armadas e de diferentes Países, para a execução de um Plano de Testes a Viaturas Blindadas 8x8. Estas viaturas foram testadas tendo em vista uma possível aquisição, destinada a equipar o Exército e a Marinha. Os testes focavam áreas diversas, tais como: características gerais, pista técnica, embarque em aeronaves, testes anfíbios, desempenho operacional, consumos e autonomia, adaptação à condução e testes finais. Na área de apoio específico, o RL2 forneceu alojamento, alimentação e escoltas às viaturas.

JOGO DE FUTEBOL DA "ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS OFICIAIS DE LANCEIROS" (AAOL)

No dia 23 de Julho de 2004 defrontaram-se, mas sim no campo de futebol, uma equipa pertencente à "AAOL" e outra pertencente ao Regimento. Antigos Lanceiros contra modernos Lanceiros, numa partida renhida, ditaram a vitória destes últimos.



O calor do jogo foi arrefecido no almoço convívio que se seguiu na Messe de Oficiais.



ESTÁGIO DE CRIANÇAS DO "CLUBE HÍPICO MILITAR OS LANCEIROS" (CHML)

No período de 26 a 30 de Julho de 2004, um grupo de crianças associadas do "CHML" estiveram no RL2, a fim de utilizarem algumas das infra-estruturas da Unidade durante as férias escolares, conviverem e praticarem actividades desportivas, nomeadamente na piscina e no picadeiro da Unidade. O Comando do RL2 providenciou para que as referidas crianças usufruíssem de uma semana diferente, dentro do espírito da directiva, "dar-se a conhecer o Exército e as suas capacidades e empenhamentos".

VISITA AO RL2 DO MAJREF (US ARMY) FOUAD K. AIDE

Esteve de visita ao RL2, o Sr. Major Fouad K. Aide, que foi durante muitos anos o Oficial de Ligação para os Militares estrangeiros que frequentaram o curso de Polícia Militar, no Forte de Meelellan, Estado de Alabama, EUA, acompanhado pela esposa e filhos.

Após a visita à Unidade, com passagem pelo respectivo Museu e demonstração das possibilidades do GPE, foi obsequiado com um almoço na messe de oficiais.



Regimento de Cavalaria n° 3



PROTOCOLO COM O CENTRO DE FORMAÇÃO DE EMPREGO DE ÉVORA

No âmbito do Protocolo acordado com o Centro de Formação Profissional de Évora, decorreram no Regimento de Cavalaria N°3 os seguintes cursos: Contabilidade e Gestão, entre 01JUL03 e 07JUL04; Canalizador, entre 06OUT03 e 21JUL04; e Cozinheiro, entre 03NOV03 a 25AGO04. A cerimónia de encerramento dos referidos Cursos e de entrega dos Diplomas teve lugar no Salão Nobre do Regimento.

TESTES ÀS VIATURAS BLINDADAS 8X8

No âmbito da Lei de Programação Militar, foi lançado um concurso para a aquisição de Viaturas Blindadas de Rodas 8X8, para equipar o Exército e a Marinha. Devido ao facto do RC3 se localizar numa zona geográfica privilegiada para a execução de condução em todo o terreno e em percursos urbanos, associado aos fáceis acessos, recebeu, organizou e conduziu no período de 26 a 28JUL04 a visita da Comissão Técnica com vista à execução do Plano de Testes e verificações às respectivas Viaturas. A zona seleccionada para a realização desses testes localiza-se entre Estremoz e a Serra D'Ossa.



DESPEDIDA DO CORONEL CRISPIM GOMES

No dia 02SET04 despedimo-nos do Coronel de Cavalaria Alberto Jorge Crispim Gomes, que comandou o RC3 durante cerca de 2 anos. Na hora da despedida restou-nos manifestar o nosso profundo reconhecimento, desejar-lhe as maiores felicidades para o novo cargo que vai ocupar em Rabat como Adido de Defesa Militar e dizer-lhe que vai certamente ficar ligado à História desTe Regimento.



COMEMORAÇÕES DO 297º ANIVERSÁRIO DO RC3

O RC3 comemorou no dia 17SET04 o seu 297º aniversário. A cerimónia comemorativa foi presidida pelo Exmo Comandante da RMS, o TGEN Velasco Martins. Ainda no âmbito das comemorações, realizou-se um torneio de Futsal que integrou três equipas representativas da GNR, PSP, Câmara Municipal de Estremoz e três equipas do Regimento. Realizou-se também a tradicional Marcha a Cavallo entre a cidade de Elvas e Estremoz, que provou mais uma vez que os valores e tradições continuam bem vivos no nosso espírito Cavaleiro. As comemorações terminaram com um almoço, que se realizou na Casa de Sargentos e contou com a presença de todos os militares e Funcionários Cívicos do Regimento.



TOMADA DE POSSE DO TCOR PAULO GEADA COMO 2º COMANDANTE DO RC3

Em 07OUT04 apresentou-se no Regimento de Cavalaria N°3, a fim de tomar posse como 2º Comandante, o TCOR CAV Paulo Renato Faro Geada.

TOMADA DE POSSE DO NOVO COMANDANTE COR CAV JOSÉ CALÇADA

No dia 14OUT04 realizou-se a cerimónia de tomada de posse do novo Comandante do RC3, o Coronel José Carlos Filipe Antunes Calçada.

O Exmo CORCAV José Carlos Calçada regressou a Portugal em Agosto de 2004, depois de ter desempenhado, desde Setembro de 2001 as funções de Adido de Defesa em Roma.

Possui as seguintes condecorações:

1. Ordem Militar de Avis - Cavaleiro
2. Medalha de Serviços Distintos - Prata c/ Palma
3. Medalha de Serviços Distintos - Prata
4. Medalha de Mérito Militar - 3ª classe
5. Medalha de Comportamento Exemplar - Prata
6. Cruz de Mérito Militar c/ Distintivo Branco de Espanha
7. Medalha OTAN comemorativa da Operação "Joint Guardian" - Kosovo



VISITA DO 2º COMANDANTE DA RMS MGEN APOLINÁRIO

O Regimento de Cavalaria 3 recebeu no passado dia 28OUT04 a visita do Exmo 2º Comandante da Região Militar do Sul, MGEN Apolinário. Do programa da visita, que muito orgulhou os "Dragões de Olivença", constou: apresentação de cumprimentos por uma representação de Oficiais, Sargentos Praças e Funcionários Cívicos no Salão Nobre; briefing; e visita às instalações, seguida de um almoço no Palácio Reynolds.

NOVOS CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL NO RC3

Evidenciando mais uma vez a importância que o Exército dedica à área da Formação Profissional e consolidando o intercâmbio que tem havido entre a Instituição Castrense e as estruturas do Instituto do Emprego e Formação Profissional, estão a decorrer nas instalações do Regimento três novos Cursos. Em 06SET04 teve início o Curso de Cozinha para Jovens, com duração de 2334 horas e frequência de 15 formandos. Em 06OUT04 tiveram início os Cursos de Serviço de Andares e de Cozinha, o primeiro frequentado por 12 formandos, e o segundo tem a duração e é frequentado por treze formandos Cívicos e um Militar.





Regimento de Cavalaria nº 4



CAMPEONATO DE NATAÇÃO – FASE REGIONAL

A responsabilidade de organizar o Campeonato de Natação 2004 – Fase Regional –, que decorreu entre 13 e 17SET04 na piscina coberta do Campo Militar de Santa Margarida, coube ao Regimento.

Participaram neste campeonato 127 atletas em representação das equipas do RC4, BCS, 1ºBIMec, 2ºBIMec, GCC, GAC, BApSvc, ERec, BAAA, CEng, CIm e CCS.

São dignas de registo as excelentes participações do TENCAV Ricardo Lourenço e ISARCAV Rui Sousa, vencedores de várias provas individuais.



CONCURSO NACIONAL COMBINADO

De acordo com o calendário dos Campeonatos Desportivos Militares, o Regimento de Cavalaria 4 organizou nos dias 1 e 2 de Outubro o Concurso Nacional Combinado (CNC) de Equitação.

O CNC/2004 incluiu provas de Iniciação e Preliminar, ambas compreendendo uma Reprise de Ensino, uma Prova de Obstáculos e uma Prova de Fundo, contando com a participação de um total de 46 conjuntos.

Além do CNC, realizou-se ainda no dia 02 de Outubro uma prova de obstáculos "OPEN" que contou com a participação de 12 conjuntos militares.

Terminado o concurso realizou-se um almoço convívio abrilhantado por um concerto realizado pela Orquestra Ligeira do Exército.

Antes da entrega de prémios aos conjuntos melhor classificados foi prestada homenagem a um antigo cavaleiro, concursista e homem de carros de combate, o Coronel de Cavalaria Fernando de Sousa Costa, já falecido, que na década de sessenta foi o primeiro comandante do RC4 em Santa Margarida. Nessa homenagem esteve presente o seu filho, Dr Rui Sousa Costa, que recebeu o "Carrista", escultura que tem sido oferecida a todos os antigos comandantes do Regimento.

DIA DA DEFESA NACIONAL

Tendo sido criadas pelo Ministério da Defesa Nacional as Jornadas do Dia da Defesa Nacional, foi o Campo Militar de Santa Margarida nomeado como Centro de Divulgação de Defesa Nacional,



com carácter permanente. Para o efeito, o Regimento de Cavalaria 4 cedeu uma antiga caserna que foi completamente transformada de forma a receber diariamente, de 06OUT04 a 18NOV04 e de 03JAN05 a 30ABR05, os cerca de 120 jovens convocados.



DIA DO EXÉRCITO

O Regimento de Cavalaria 4 participou nas comemorações do "Dia do Exército", no Porto, em 24 de Outubro, constituindo-se como EPR do CMSM/BMI para a Parada e desfile de meios mecanizados e blindados da BMI.

Nessas actividades estiveram empenhados 5 oficiais, 7 sargentos e 59 praças e os seguintes meios: 5 CC M60 A3 TTS, 1 ViatRecupM88 A1, 1 VBLP, 1 M901 ITV e 1 M113A1.

DESPEDIDA DE OFICIAIS

Realizou-se no dia 28 de Outubro o jantar de despedida do TCORCAV Luis Nunes da Fonseca (comandou o GCC e o Agr GOLF/SFOR) e do MAJCAV José Nunes Baltazar (comandou o ERec). Foram transferidos, respectivamente, para o EMGFA (assessor do Exmo ALM CEMGFA) e o IAEM (frequência do Curso de Estado-Maior).

AGRUPAMENTO MECANIZADO/NRF 5

De acordo com os seus mais recentes conceitos, a NATO pretende dispor de uma força permanente, projectável, com uma capacidade de auto-sustentação até 30 dias e com elevados níveis de prontidão, para efectuar operações conjuntas e combinadas em todo o espectro de missões, dentro ou fora da sua área de responsabilidade.

Esta força operacional é designada por NATO RESPONSE FORCE (NRF) e está subordinada a um único comando designado por Combined Joint Task Force (CJTF) HQ.

O Exército Português participará na NRF5 em 2005 com um Agrupamento Mecanizado, tendo sido dada a responsabilidade de formação desta unidade ao 1º Batalhão Infantaria Mecanizado da BMI, que incluirá duas Companhias de Atiradores Mecanizados e um Esquadrão de Carros de Combate (ECC), além de diversas subunidades de apoio de combate e de apoio de serviços.

O RC4 recebeu assim a missão de ceder um ECC, à custa do seu encargo operacional, responsa-

bilizando-se pela fase inicial da instrução e treino, apoiando as actividades de aprontamento e garantindo o apoio técnico de manutenção.

ACTIVIDADE OPERACIONAL

No âmbito da instrução colectiva e do treino operacional das subunidades que constituem o encargo operacional do Regimento, estas realizaram no último quadrimestre os seguintes exercícios:

- Grupo de Carros de Combate RINOCERONTE 211 de 14 A 16Set
- RINOCERONTE 202 de 11 A 13Out
- Esquadrão de Reconhecimento LOBO 425 de 19 a 20Out
- LOBO 426 de 26 a 28Out

APOIOS

De entre os vários apoios prestados a outras unidades, salientam-se:

- Apoio à Academia Militar no exercício "LEÃO 04", que decorreu no CMSM no período de 20 a 27 de Julho, com: 1 Pel CC e um Pel Rec;
- Apoio à Escola Prática de Cavalaria na Prova de Confirmação Final do 30º CFS, que decorreu no CMSM no período de 06 a 10 de Setembro, com: 1 PelCC, 2 SecMortP, 1 M88 e uma Ambulância TT.

VISITAS AO RC4

O RC4 recebeu as seguintes visitas:

- Visita de 37 alunos e 5 professores dos Jardins de Infância de Alferrarede e de Casais de Revelhos, em 06 de Julho;
- Visita de 150 alunos e 4 professores do Colégio Minerva do Barreiro, em 07 de Julho;
- Visita de 170 militares do 4º Turno/04 do CFP/NSIE de Abrantes (RI2), em 28 de Julho;
- Visita do Agr 407 do Corpo Nacional de Escutas, em 04 de Agosto;
- Visita de 90 ex-militares do 2ºECC para comemorar o 25º aniversário da passagem à disponibilidade, em 04 de Setembro;
- Visita do Curso de Qualificação em Protecção Ambiental para Cmdt/Dir/Chf da EPE, em 22 de Setembro;
- Visita de 80 alunos do Centro de Ensino e Recuperação do Entroncamento, em 29 de Setembro;
- Visita de 43 alunos do Colégio de Nossa Senhora de Fátima de Abrantes, em 30 de Setembro;
- Visita de 193 militares do 6º Turno/04 do CFP/NSIE de Abrantes (RI2), em 13 de Outubro;
- Visita de alunos da Escola Secundária de Constância, em 22 de Outubro.



Regimento de Cavalaria nº 6



ALCAIDE FARIA IV

Decorreu de 27 a 29 de Abril de 2004 o exercício "Alcaide Faria IV", de âmbito regional, cuja finalidade foi a de testar os Planos de Segurança das U/E/O da RMN e treinar as medidas adequadas às alterações dos estados de segurança.

CERIMÓNIAS

O RC6 participou na procissão do Enterro do Senhor que se realizou na cidade de Braga no dia 09 de Abril. A força empenhada pelo Regimento, era constituída por um Sargento e nove Praças, que constituíram uma Guarda de Honra ao Pálio.

Em 17 de Abril de 2004, o RC6 participou nas cerimónias comemorativas do 86º Aniversário da Batalha de La Lys e do Dia do Combatente. Tiveram lugar na igreja dos Congregados e no Monumento aos Mortos da Grande Guerra, em Braga.

Em 03 de Maio de 2004, o RC6 participou na Procissão das Cruzes, realizada em Barcelos. A força empenhada pelo Regimento, era constituída por um Sargento e sete Praças, que constituíram uma Guarda de Honra ao Pálio.

VISITAS AO REGIMENTO

O RC6 recebeu, nos dias 23 a 25 de Abril de 2004, um grupo de 20 jovens Auditores de Defesa Nacional. Este grupo de jovens, formados pelo Instituto de Defesa Nacional nas áreas de Defesa,



Cidadania e Segurança, realizou em Braga um encontro de trabalho.



VISITAS DE ALUNOS E DE PROFESSORES AO RC6

- Em 25 de Março de 2004, o RC6 recebeu a visita de 24 alunos e 2 professores da Escola EB 2.3 António Feijó de Ponte de Lima.
- Visita de 20 alunos do ATL Planeta dos Miúdos de Braga em 07 de Abril de 2004.
- Visita de 30 alunos da Associação de S. José de Braga em 10 de Abril de 2004.
- Visita de 30 alunos acompanhados de 4 professores da Casa do Professor de Braga em 05 de Abril de 2004.
- Em 20, 21 e 22 de Abril de 2004, o RC6 foi visitado por 130 alunos do Agrupamento de Escolas de Palmeira, Braga.
- Visita de 28 alunos e 04 professores do Agrupamento de Escolas de Lamações em 29 de Abril de 2004.
- Visita de 36 alunos e 2 professores da Escola E.B Prof. Gonçalo Sampaio em 26 de Abril de 2004.
- Visita de 10 alunos e 5 professores da Escola EB 2.3 de Nogueira, Braga, em 27 de Abril de 2004.
- Visita de 39 alunos e 03 professores da Escola EB 1 de Gondiaes em 10 de Maio de 2004.
- Visita de 82 alunos e 10 professores do Externato Leonardo da Vinci, Braga, em 12 de Maio de 2004.
- Visita de 65 alunos e 06 professores da Escola de Taíde e 27 alunos e 03 professores da Escola de Landeiro em 20 de Maio de 2004.

OUTRAS ACTIVIDADES

No Dia Mundial da Árvore e da Floresta (19 de Março), o RC6, em parceria com o Governo Civil de Braga, a Câmara Municipal de Braga, a Direcção Regional

de Agricultura de Entre Douro e Minho e o Conservatório de Musica Calouste Gulbenkian de Braga, procedeu à plantação simbólica cerca de uma centena de árvores de diversas variedades nos seus terrenos, em áreas a necessitar de reflorestação. Essa plantação foi realizada por 160 alunos do 1º ciclo deste mesmo Conservatório.

No dia 25 de Março de 2004, foi celebrada a Comunhão Pascal e administração do Sacramento do Crisma a 16 militares. A Celebração foi presidida pelo Revº Sr. Bispo D. Januário Torgal Ferreira, Bispo da Diocese das Forças Armadas e Segurança.



APOIOS

Apoio, com material, nas comemorações do 25 de Abril às seguintes entidades:

- Câmara Municipal de Amares;
- Escola EB 2.3 de Lamações, Braga;
- Escola EB de Fermentões;
- Escola EB de Real, Braga;
- Escola EB Rosa Ramalho de Barcelinhos.

Nos dias 26, 27 e 28 de Maio de 2004, o RC6 apoiou o IV Encontro de Equitação Adaptada, promovida pela Núcleo Regional de Braga da Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral.

Nos dias 29 e 30 de Maio, o RC6 apoiou em alojamento e alimentação a visita de 43 alunos e 8 professores, da Escola do Barreiro, à cidade de Braga.



GALE - Grupo de Aviação Ligeira do Exército

Almoço convívio do GALE

Em 03 de Julho de 2004 realizou-se, no Parque das Merendas do Açude da Aldeia de Stª Margarida, um almoço convívio para todos os militares e funcionários civis que prestam serviço nesta Unidade e respectivas famílias.

Esta jornada de saudável partilha de momentos muito diferentes do nosso quotidiano, constituiu-se numa oportunidade ímpar de estabelecimento e reforço dos laços de amizade entre a "família militar" do GALE e proporcionou a participação, aos diferentes elementos do agregado familiar, em diversas actividades, tais como: jogos tradicionais, visita a parque ecológico e pesca.

Apoio do GALE à Volta Aérea a Portugal 2004

O Aero Clube de Portugal (AeCP) organizou, de 2 a 5 de Setembro de 2004, mais uma edição da VAP - Volta Aérea a Portugal - contando, para o efeito, entre outros, com o apoio do GALE.

Anualmente, o AeCP organiza alternadamente as Voltas Aéreas com Raids Aéreos Ibéricos, eventos que se podem considerar directos sucessores do primeiro Circuito Aéreo ao Continente e Voltas Aéreas, cujas primeiras edições remontam à década de vinte do século passado, como principal e dominante evento da aviação geral, de cariz desportivo, amador e de lazer.



CMEFD - Centro Militar de Educação Física e Desportos



O Centro Militar de Educação Física e Desportos realizou, no âmbito da equitação, várias actividades das quais se destacaram as seguintes:

- Curso de Instrutores de Equitação frequentado por 1 Oficial do Exército e por 2 cavaleiros civis inscritos pela Federação Equestre Portuguesa (FEP) - de 06OUT03 a 25JUN04;
- Estágio de Actualização de Conhecimentos de Equitação (13 a 24OUT04), frequentado por 24 alunos, militares do Exército, da GNR e civis inscritos pela FEP (8);
- Criação, desbaste, reensino e recuperação de cavalos, com vista à sua utilização;
- Apoio ao Estágio dos Alunos da Academia Militar, com vista à sua preparação para a XLVIII SEM;
- Sessão de volteio a cerca de 100 alunas do Instituto de Odivelas;
- Realização de exames de selas 4, 7 e 9, do Programa de Formação de Praticantes da Federação Equestre Portuguesa (FEP);
- Colaborações várias com a FEP no âmbito do protocolo existente, entre as quais o lançamento de uma nova disciplina equestre em Portugal, o TREC - Técnicas de Randonée Equestre de Competição, através da realização de cursos de juizes nacionais e de juizes internacionais, bem como 2 estágios de preparação da equipe portuguesa para o Campeonato do Mundo, com a colaboração de especialistas franceses da modalidade;
- Visita de centenas de crianças e jovens de escolas da região e instituições várias, que incluíram volteio e passeio de charrete;
- Participação de militares do CMEFD e alunos do Curso de Instrutores de Equitação em concursos vários, entre os quais os Concursos Internacionais Combinados na Barroca D'Alva (TENCAP Cunha, aluno do CIEQ, foi o melhor cavaleiro português);
- Organização da XLVIII Semana Equestre Militar (19 a 28MAR04);
- Cedência de cavalos, material de obstácu-

los e apoio técnico na montagem da prova de obstáculos, do Meeting Internacional de Pentatlo Moderno, em Loures;

- Cedência de atrelagem à Escola Prática de Cavalaria, no aniversário da Escola e dia da EPC na feira Nacional do Cavalo na Golegã;
- Apresentações da "REPRISÉ DA ESCOLA DE MAFRA", todas realizadas com cavalos Cruzados Portugueses e Puro-Sangue Lusitano, estes últimos ao abrigo do protocolo celebrado com o Serviço Nacional Coudelico:
- Semana Equestre Militar, em Mafra
- Campeonato da Europa de Juniores de Pentatlo Moderno, em Mafra
- I Jornadas Técnicas de Medicina Veterinária, em Mafra
- Encerramento do 2º Encontro Distrital de Equitação Especial, no jardim das Caldas da Rainha
- Encerramento das Jornadas de Educação Física no Parque Desportivo de Mafra
- Concurso Combinado do Regimento de Cavalaria 6 (uma apresentação nocturna e uma diurna)
- Comemorações do dia do Exército no Parque da Cidade do Porto (quatro apresentações com "Pas-de-Deux", demonstrações de volteio, demonstrações de obstáculos e apresentações da Reprise da Escola de Mafra)

- Participação de cavalo de volteio (para "baptismo equestre" - mais de 200 crianças e jovens montaram a cavalo) e atrelagem, nas Comemorações do dia do Exército no Parque da Cidade do Porto;
- Organização, em colaboração com a Liga dos Amigos de Mafra, dos Concursos Nacionais de Ensino, Obstáculos e Concurso Completo de Equitação, assim como a organização de poulés e a 1ª Prova de TREC (completa) em Portugal;
- Aulas de equitação ao longo do ano lectivo



vo a crianças e jovens, ao abrigo do protocolo assinado com a Câmara Municipal de Mafra;

- Aulas de equitação ao longo do ano lectivo a crianças e jovens inadaptados, ao abrigo do protocolo assinado com a APERCIM;
- Participação em festas religiosas com cavalos e atrelagens;
- Apoio em transporte de solípedes a outras U/E;
- Participação e apoio às marchas a cavalo, organizadas pelas unidades de Cavalaria;
- Apoio na organização e montagem no 1º Concurso Combinado de Equitação da Escola Prática de Artilharia, em Vendas Novas;

É de realçar que a "Escola de Mafra" foi convidada a fazer duas apresentações da Reprise (8 e 11 DEZ04) na EQUUS 2004 - SALÃO INTERNACIONAL DO CAVALO E DA CAÇA, durante o Concurso Internacional do Porto na EXPONOR, onde se prevê a sua cobertura televisiva nacional e internacional e a presença cerca de 20 000 visitantes. Este convite revela bem a importância que a "Escola Militar" mantém no panorama equestre nacional.

Ainda como reconhecimento do seu valor, foi atribuído ao CMEFD pela Revista Equitação, o PRÉMIO "CARREIRA 2004". Este prémio, de elevado e reconhecido prestígio no seio da equitação nacional, destina-se a «homenagear um conjunto de valores que abrangem a dedicação ao hipismo e à tauromaquia, bem como, todo o trabalho efectuado em prol destes, nos últimos anos». Foi entregue na Feira Nacional do Cavalo, na Golegã, em 12NOV04 pelo Excelentíssimo Senhor Engenheiro Veiga Maltês, Presidente da Câmara da Golegã, ao Excelentíssimo General Governador Militar de Lisboa, em representação do Excelentíssimo General Chefe do Estado-Maior do Exército, na presença de uma delegação do CMEFD e da "Escola de Mafra".

OMEAÇÕES E ÓBITOS PROMOÇÕES, NOMEAÇÕES E ÓBITOS PROMOÇÕES, NOMEAÇÕES E ÓBITOS
 DES E ÓBITOS PROMOÇÕES, NOMEAÇÕES E ÓBITOS PROMOÇÕES, NOMEAÇÕES E ÓBITOS
 BITOS PROMOÇÕES, NOMEAÇÕES E ÓBITOS PROMOÇÕES, NOMEAÇÕES E ÓBITOS PRO
 ÇÕES, NOMEAÇÕES E ÓBITOS PROMOÇÕES, NOMEAÇÕES E ÓBITOS PROMOÇÕES, NOMEAÇÕES E ÓBITOS
 OMEAÇÕES E ÓBITOS PROMOÇÕES, NOMEAÇÕES E ÓBITOS PROMOÇÕES, NOMEAÇÕES E ÓBITOS
 DES E ÓBITO
 BITOS
 ÇÕF

Promoções, Nomeações e Óbitos

FORAM PROMOVIDOS A:

MGEN

19OUT04 - LUÍS MIGUEL DE N. MORAIS DE MEDEIROS

COR

27FEV04 - EMÍLIO OLIVEIRA DUARTE
 01JUL04 - TIAGO MARIA RAMOS CHAVES DE ALMEIDA VASCONCELOS
 05JUL04 - FRANCISCO JOAQUIM DA COSTA LOPES

TCOR

14FEV04 - JAIME JOAQUIM PICADO NOGUEIRO
 27MAI04 - ANTÓNIO NUNO REIS C MARCOS DE ANDRADE
 01JUL04 - JOSÉ ELÍSIO OLIVEIRA GONÇALVES
 05JUL04 - CARLOS JOSÉ GASPAR SIMÕES

MAJ

16JAN04 - LUÍS HENRIQUE RIBEIRO CRISPIM
 14FEV04 - JORGE FILIPE DA SILVA FERREIRA
 05MAR04 - JOSÉ LUÍS SIMÕES
 27MAI04 - JOSÉ CARLOS DA SMDE ALMEIDA LOUREIRO
 11JUN04 - PAULO JORGE DA ENCARNÇÃO MENDES BARROS
 02SET04 - ALFREDO MANUEL APARÍCIO FILIPE

CAP

01OUT04 - JOSÉ ANTÓNIO CÁRVALHO DE SOUSA ROSA VASCO CAVALEIRO DA CUNHA BRAZÃO
 ROBERTO CARLOS PINTO DA COSTA

TEN

01OUT04 - CARLOS MANUEL FIGUEIREDO LOPES
 TIAGO ALEXANDRE GOMES FAZENDA
 RUI MIGUEL PINHO SILVA
 ELISABETE MARIA RODRIGUES DA SILVA
 JOÃO CARLOS GOMES LOPES MATIAS
 LUÍS MIGUEL ALVES CHOÇAS
 ORLANDO JOSÉ RODRIGUES GOMES

ALF

01OUT04 - RUI JORGE NEVES MOURA
 ANTERO DE AGUIAR MARQUES TEIXEIRA
 JOSÉ MANUEL COSTA DA SILVA BARRAÇAS
 ALBERTO JOEL SANTOS CARVALHO PINTO

SMOR

01MAR04 - VICTOR MANUEL RODRIGUES SANTOS
 02AGO04 - FELICIANO AUGUSTO TEIXEIRA
 13AGO04 - MANUEL MARTINS GONÇALVES

SCH

03MAR04 - JOÃO JOSÉ RIBEIRO CARDOSO
 13ABR04 - FERNANDO INÁCIO PÉCURTO GREGO
 30JUN04 - JOSÉ MANUEL CÁRVALHO DA SILVA
 02SET04 - ROMEU JOSÉ FLORA ASSUNÇÃO
 17SET04 - FRANCISCO LUÍS CASTELO VALENTE CASIMIRO

SAJ

01FEV04 - JOSÉ MANUEL AGANTE DE MATOS
 19MAR04 - ANTÓNIO CORREIA FRANÇA

17MAI04 - CARLOS JOSÉ SEMIÃO PINTO
 16AGO04 - CARLOS ALBERTO SIMÕES DOS REIS
 07OUT04 - FERNANDO AUGUSTO ANTUNES DE CARVALHO

1 SAR

01OUT04 - GONÇALO MIGUEL LAMEIRAS RAMOS
 NUNO MIGUEL PEREIRA GONÇALVES
 DOMINGOS MIGUEL CLÉRIGO TALHINHAS
 ANTÓNIO MANUEL GOMES FAUSTINO
 MARCO PAULO SANTOS CARREIRA

NOMEAÇÕES

CORCAV ALBERTO JORGE DA SILVA CRISPIM GOMES - ADIDO MILITAR EM MARROCOS (10OUT04)
 CORCAV JOSÉ CARLOS FILIPE ANTUNES CALÇADA - CMDT DO RC3 (14OUT04)
 TCORCAV NUNO GONÇALO VITÓRIA DUARTE - DIRECTOR DO PROJECTO ISEM (JAN05 - JAN06)

FALECIMENTOS

TCORCAV LUIS MIGUEL DA SILVA ATAÍDE - 11JUN04
 CORCAV CARLOS ALBERTO G. COSTA - 11AGO04
 CORCAV JOAQUIM JOSÉ DAS DORES - 27AGO04
 SMORCAV FRANCISCO TRAVANCA CARVALHO - 02SET04
 CORCAV MIGUEL FERNANDES MORENO - 14SET04

Patria

Patria AMV 8x8



A PATRIA tem uma longa experiência na construção de Veículos Blindados de Rodas

- Grande capacidade de transporte
- Elevado grau de protecção e segurança
- Mecânica robusta e de confiança
- Fácil de usar e manter
- Baixo custo do ciclo de vida

Patria Vehicles Oy

P.O. Box 186
 FIN-13101 Hämeenlinna
 Finland
 Tel +358 20 4691
 Fax +358 20 469 6684


www.patria.fi



MONTAGREX - OPTAGREX
 Sociedade Portuguesa de Importação e Exportação, Lda

